

CATECISMO BREVE



«ORTOPRÁXIS -
MANEIRAS DE VIVER A
ORTODOXIA»

Edições ECCLESIA

2023



CATECISMO BREVE

«ORTOPRÁXIS» - MANEIRAS DE VIVER
A ORTODOXIA

SUMÁRIO

1. Ortodoxia – Que é?.....	3
2. Ao ingressar em um templo Ortodoxo	5
3. A Cruz Ortodoxa	9
4. Os Ícones.....	11
5. Os «Dípticos» (lista de Intenções).....	13
6. Como persignar-se corretamente.....	15
7. O Pão sagrado.....	16
8. Agiasmós.....	17
9. Ofícios de Petições.....	18
10. Irmão, Padre, Bispo	21
11. Padre, abençoa-me!.....	22
12. A Hierarquia Eclesiástica.	23
13. Incenso aromático	24
14. O Batismo.....	25
15. Unção Crismal	27
16. A Eucaristia	28
17. A Confissão	31
18. O Matrimônio	32
19. Unção dos Enfermos	35
20. Quando chega a morte.....	37
21. Sobre o Jejum.....	38
22. Oração Pessoal.....	39
23. Vida familiar ortodoxa.....	41
24. Bênção da casa	41
25. Outros costumes do lar.....	42
26. A Bíblia Sagrada.....	44
27. O rosário bizantino (kombuskini).....	44
28. Onomástico	45
29. A Divina Liturgia.....	46

1. ORTODOXIA – QUE É?

Uma palavra especial... Palavra que possui grande força de atração. Do grego «*orthos*» que significa «reta e verdadeira adoração» e «*doxa*» que significa doutrina ou ensinamento.

SANTO ATANÁSIO

Enquanto se manifestou na Igreja cristã a necessidade de proteger a verdade dos erros que apareceram (e estes já apareceram nos tempos apostólicos), surgiu o conceito da «confissão correta da verdade», tal como a escutamos na oração litúrgica e que vem da Igreja antiga, sobre o episcopado, «que usa bem a palavra da verdade» (2Tm 2,15). Esta expressão se cristalizou em uma palavra durante os duros enfrentamentos do arianismo na Igreja. Santo Atanásio, o Grande, dedicou quase toda a sua vida à defesa da Ortodoxia frente ao arianismo. Santo Epifânio chama Santo Atanásio de «Pai da Ortodoxia». Santo Isidoro de Sevilha no livro «Os Princípios» diz: «o ortodoxo é aquele, que crê corretamente e, de acordo com esta crença, vive corretamente». Os grandes Padres Orientais da Igreja do século VI, sempre usam esta mesma denominação. São Gregório, o Teólogo, usa o termo «Ortodoxia Sofredora» (Sermão 6 de Gregório o Teólogo).

Depois do Sexto Concílio Ecumênico, quando surgiram discussões sobre a veneração das imagens (ícones) e, desse modo, sobre as formas externas da veneração a Deus, o conceito de «Ortodoxia» se ampliou a todo o ciclo de teologia cristã e ofícios religiosos. Antes da separação das Igrejas, a «Ortodoxia», ou a «Verdadeira Glorificação», se pensava como um caráter necessário de verdadeiro cristianismo, tanto no Oriente como no Ocidente, isto é, todos os que queriam seguir a Igreja de Cristo sem erros eram «ortodoxos». Quando deu a separação da Igreja Romana da unidade da Igreja, ambos conceitos clássicos, digamos melhor, eclesiásticos antigos: a) «Ortodoxo», e b) «Católico-universal», se conservaram no Oriente e no Ocidente, porém se conservaram de maneira que, um dominou aqui e o outro lá.

SÃO GREGÓRIO, O TEÓLOGO

Cada um fez seu estandarte da Igreja: no Oriente, «Ortodoxia» é a preocupação antes de tudo de guardar a pureza da fé; no Ocidente se usa o termo «Católico» como «universalidade» ou o «Catolicismo» como expressão da ideia de difusão mundial para todos. O nome da Igreja Cristã como «Católica» ficou mais identificada nos países ocidentais relacionando-a com a Igreja de Roma. Não obstante, nenhum ortodoxo duvida que é verdadeiramente católico, porque no Oriente, tal como está mencionado no Credo que rezamos em cada Divina Liturgia, se diz que nossa Igreja é «Católica». No Oriente, porém, esta denominação conserva seu lugar na série de outras características necessárias da Igreja: «Una, Santa, Católica e Apostólica», que recebeu no Segundo Concílio Ecumênico, ou seja, sem que uma destas notas tenha maior ou

menor domínio sobre as demais. Somos, portanto, membros da Igreja Cristã, Católica Apostólica Ortodoxa.

Falando sobre o «ortodoxo» e o «não ortodoxo» é preciso explicar uma coisa mais. No primeiro milênio, antes do fato lamentável da separação das igrejas, tanto o Oriente como o Ocidente, receberam grande quantidade de particularidades que dependiam das causas não relacionadas com a fé, senão das condições geográficas e outras, da diferença de culturas grega e romana. A distância entre o Ocidente e o Oriente, separados pelo Mar Mediterrâneo, impediam a uniformidade das formas de culto e outras facetas da vida eclesiástica. A língua grega, que dominava o Oriente, e o latim, que se tornou o idioma culto do Ocidente, aumentavam esta separação.

Assim apareceram, todavia, antes da separação de Roma nas duas partes da Igreja, uns traços especiais que não dependiam, na realidade, da conservação ou não da verdade. No segundo milênio, na medida em que estas marcas subsistiam se tornaram características de uma ou de outra confissão e, atualmente, com frequência é necessário um esforço para definir se tal ou qual particularidade do espírito do catolicismo-romano ou ortodoxo é o resultado de causas etnográficas, linguísticas ou outras.



«Igreja Grega Ortodoxa da Apresentação da Santa Mãe de Deus (Theotokos) nos EUA» (legenda foto)



«Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém»

Para nós, a ortodoxia está dada, tem seu conteúdo e forma constituídos. Porém, a religião é vida e a ortodoxia não constitui uma acumulação de respostas feitas a todas as perguntas. É, sobretudo, uma vivência tomada das experiências de outros que nos precederam na fé e que nos servem de fundamento para que nós mesmos realizemos nossas vidas segundo nossa convicção em Cristo e em sua Igreja.

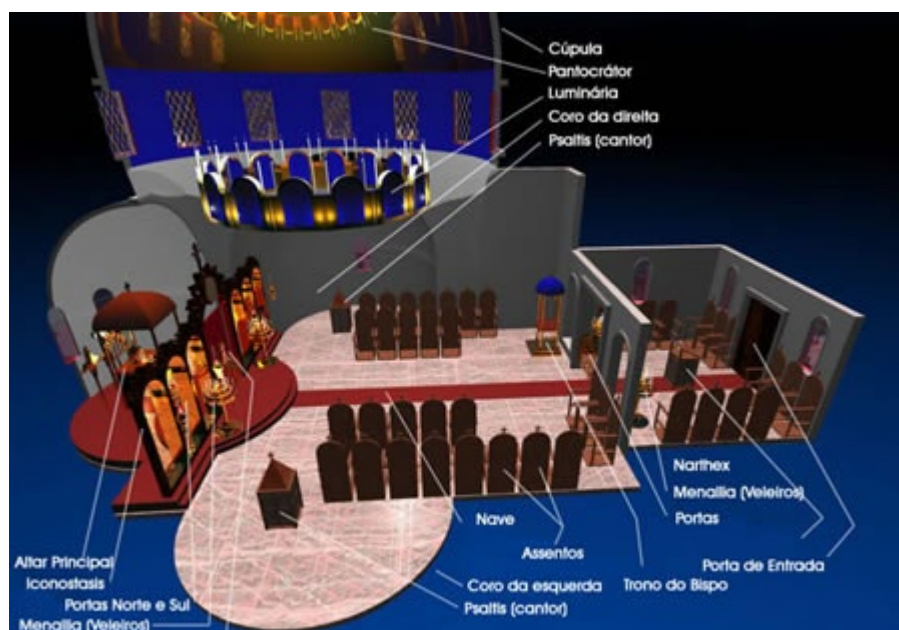
Assim a Igreja tem demonstrado com atos a fé que está escrita em seu estandarte «Ortodoxia». «Busquem antes de tudo o Reino de Deus e sua Verdade e tudo mais será dado por acréscimo». (Mt 6: 33)

2. AO INGRESSAR EM UM TEMPLO ORTODOXO

O que se deve fazer primeiro quando se entra num templo ortodoxo? Deve-se aproximar do lugar das velas. Nossa piedade cristã, na prática, começa pelo ritual de acender uma vela de cera. Seria impossível imaginar um templo ortodoxo onde não se acendem velas de cera.

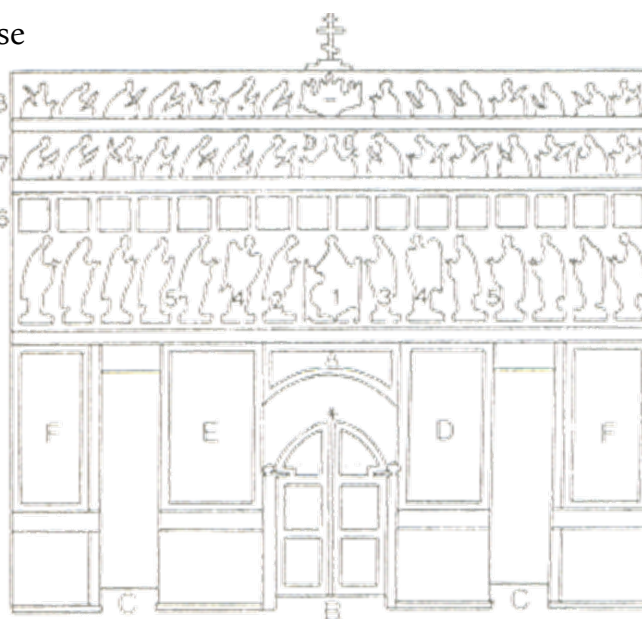
Um estudioso da Liturgia, São Simeão de Solun (Séc. XV) diz que a cera pura significa a pureza e a fé das pessoas que a trazem. Oferece-se a vela de cera em sinal de nosso arrependimento. A suavidade e a flexibilidade da cera falam de nossa disposição em ser obedientes a Deus. A chama da vela significa o calor de nosso amor a Deus.

Não se deve colocar a vela de uma maneira formal, com o coração frio. O ato físico deve ser acompanhado por uma simples oração, com palavras próprias. As velas sempre estão associadas aos ofícios da Igreja. Os que foram recém-batizados mantêm as velas em suas mãos, como também os que se unem no sacramento do matrimônio; durante o ofício pelos falecidos e durante o hino do *Akathistos*; há ainda os que costumam segurar uma vela acesa, até mesmo durante a Divina Liturgia. Nas procissões os fiéis caminham portando velas, resguardando do vento com a mão a chama acesa. Não existem regras definidas a respeito do lugar ou da quantidade de velas que devem ser colocadas. Sua aquisição é um pequeno sacrifício a Deus e oferta voluntária para ajudar na manutenção da Igreja ou o Monastério. Uma vela grande e cara de nenhum modo tem mais graça do que uma pequena.



«Interior de uma igreja ortodoxa tradicional» (Fonte: Wikipedia)

Em muitos templos ortodoxos se usam as famosas cúpulas chamadas «cebola» que na realidade tomam sua forma da chama das velas, como oração que, da terra, se eleva a Deus. Quando um cristão ocidental entra num templo ortodoxo para a Divina Liturgia, encontra-se como que em outro mundo. A princípio, entra na Igreja, cuja forma, decoração e ornamentos não só estão submetidos a uma tradição como também tem um significado próprio. Depois de passar pelo *nártex* (uma sala retangular – uma espécie de entrada),



No centro se encontra uma porta com duas folhas (A) e nas laterais outras duas portas com uma só folha (C).

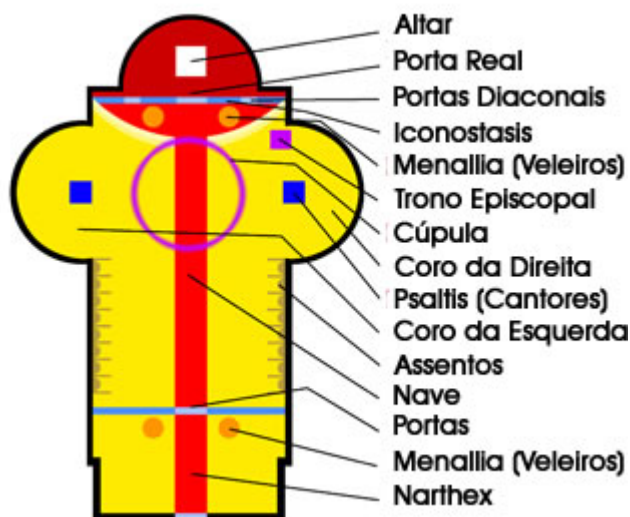
6

santas», se encontra a imagem do Cristo *Pantokrator* (D) e, à esquerda a da *Theotokos* com o Cristo menino (E). Sobre as portas santas se reproduz a Anunciação (A) e sobre as portas laterais de uma só folha, também chamadas setentrional e meridional, os arcanjos Miguel e Gabriel (F). Diretamente acima das portas santas se reproduz a «Última Ceia» (8). Nas portas santas, algumas vezes se colocam os quatro evangelistas. Outra fila de ícones (ou ordem das festividades), está formada pelos ícones que representam ações salvíficas de Cristo em sua vida terrena, nos que se recordam as mais importantes do calendário litúrgico.

Em algumas igrejas sobre eles, na quarta fila, estão os apóstolos em atitudes de oração voltados para o centro, onde aparece Cristo sentado no trono e ao seu lado os dois principais intercessores da humanidade: a *Theotokos* e João Batista (6).

Às vezes, sobretudo nas grandes catedrais, existe ainda uma outra fileira de profetas que estão ao lado da Virgem com o Menino. Todo o Iconostase abraça a cruz com a imagem pintada do Senhor Crucificado (7).

Quando as portas santas estão abertas no centro do santuário que habitualmente tem forma semicircular, os que estão ali rezando podem ver o Altar ricamente adornado, de forma cúbica. Sobre ele se encontra a cruz, os castiçais e o Tabernáculo ou o Sacrário, muitas vezes em forma de templo onde se conserva o Sagrado Pão Eucarístico, consagrado durante a Divina Liturgia.



«Planta baixa de uma Igreja Ortodoxa» (Fonte: Wikipedia)

O Altar é coberto primeiramente por um linho branco que representa o linho que envolvia Cristo; sobre ele, outro de material brilhante que representa a Glória do Trono de Deus. Ambos cobrem todo o altar. Sobre o Altar está o *Antimíssion*, (uma espécie de tela que tem gravado o ícone de Cristo no sepulcro e os quatro evangelistas e, para que seja válido deve estar assinado pelo bispo sob o qual está o sacerdote celebrante); sobre o qual se celebra os Santos Mistérios da Divina Liturgia. No verso do *antimíssion* há um pequeno casulo onde ficam depositadas relíquias de santos, o

que equivale à pedra d'ara, nos altares ocidentais. Pode também haver relíquias de santos no altar, porém só quando este é consagrado.

As relíquias são usadas porque o sangue dos mártires, confessores e santos, depois de Cristo, constituem o fundamento da Igreja; e porque nos princípios do cristianismo, celebrava-se nas catacumbas sobre os túmulos dos mártires. Embaixo do *AntimíSSION*, sob as toalhas do Altar, há outra seda de um material mais fino que representa as roupas com as quais o Menino Jesus foi envolvido depois de seu nascimento, simbolizando também o lençol do sepulcro. O altar, por sua vez, representa a pedra com a qual foi selado o sepulcro. Atrás do altar se pode colocar um candelabro com sete luzes simbolizando os sete sacramentos e uma cruz, ou apenas uma cruz, dependendo da tradição local de cada igreja.

O Livro do Evangelho, que é a Palavra de Deus, está sobre o altar para denotar que Deus mesmo está misticamente presente nele; e uma cruz de bênção pequena do lado direito do Evangelho, representando o Gólgota (lugar onde foi celebrado o Sacrifício incruento oferecido a Deus). Para os serviços episcopais há dois candelabros: *Dikíron* (de duas velas) e o *Trikíron* (de três velas) que representam, respectivamente, a dupla natureza de Cristo (humana e divina) e a Santíssima Trindade. Com eles o Bispo abençoa o povo.

É estritamente proibido colocar qualquer objeto, a não ser os acima mencionados, sobre o altar, devido ao significado dos mesmos e porque ali se celebram os Santos Mistérios. Utiliza-se uma esponja para coletar as partículas que caem sobre o *AntimíSSION* e aquelas que ficam no Disco (*Patena*).



«Altar principal de Igreja na Romênia»

Pode-se observar também as pinturas do Santuário. Na parte mais baixa, duas filas de bispos revestidos para a liturgia envolvendo o altar. Sobre eles, Cristo dando a comunhão aos apóstolos: com uma mão distribui o pão sagrado e com a outra dá o cálice, ou em outras ocasiões Cristo sentado em um trono. Da cúpula semiesférica do *abside*, por cima do santuário, a Virgem olha para a nave (sua imagem pode ser vista da nave por cima do iconostásio). Os que estão rezando, porém, provavelmente não verão o outro altar sobre o qual se preparam o pão e o vinho eucarístico, chamado também de «*prótesis*», cujo acesso se dá pela porta setentrional do Iconostase. Tampouco verão as pinturas que há em cima, que representam o nascimento, a morte e a sepultura de Cristo. Nem poderão ver a parte meridional do abside, que serve de

sacristia ou "Diakonikon". Um típico templo ortodoxo com todas as lamparinas e velas e o cheiro do incenso que penetra todo o templo, distingue-se muito da atmosfera da celebração a qual está habituado um homem ocidental.



«Igreja Grega Ortodoxa da Apresentação da Santa Mãe de Deus (Theotokos) nos EUA»

O templo é algo mais que um simples lugar onde se reúnem uma assembleia em oração; é a imagem do céu sobre a terra. Se as partes baixas da nave representam o mundo visível, a cúpula e principalmente o santuário simbolizam o céu, onde os anjos, os arcanjos e todas as Potências celestes rendem culto a Deus Uno e Trino. O cristianismo ocidental observa que o templo ortodoxo suscita nele o santo temor...

Quando os ortodoxos entram no templo dão uma volta ao seu redor, beijam os ícones, acendem as velas diante dos ícones e rezam. Podem levar até a porta setentrional do Iconostase um pequeno pão de forma redonda, chamado prósfora, isto é, oferenda. Este pão é dado ao diácono ou ao ministro junto com uma lista de intenções onde se rezam para os vivos e falecidos.

3. A CRUZ ORTODOXA

A cruz mais difundida na Ortodoxia é a de oito braços, que recebe também o nome de Crucifixo. Sobre a haste central (vertical) se encontram três travessões horizontais. O maior, que se encontra no centro, é onde os braços de Jesus ficaram estendidos. O superior lembra a pequena tábua com a inscrição: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus», escrita em três línguas: grego, latim e hebraico, e colocada sobre a Cruz de Jesus por ordem de Pilatos. Era um costume romano escrever a culpa do réu nestas tabuinhas.

Na tradição ortodoxa, os pés de Jesus não estavam atravessados por um só cravo, como é representado pelos latinos, mas por dois: um para cada pé. O que é confirmado pelas investigações sobre o santo Sudário de Turim.

A haste inferior serviu como apoio aos pés do Crucificado. Um de seus extremos está um pouco mais elevado, apontando para o céu, para onde se dirigiu o Bom Ladrão, crucificado com Jesus. O outro extremo,



ao contrário, está direcionado para baixo, o lugar destinado ao outro ladrão que não se arrependeu.

Muitas vezes, debaixo da Cruz, vê-se a imagem de uma caveira: é a cabeça de Adão que, segundo a Tradição, foi sepultado sob o Gólgota, embaixo do lugar onde Jesus foi crucificado.

Na rachadura da rocha, sob a Cruz, cai sobre a cabeça de Adão uma gota do Sangue de Jesus Cristo, significando assim que a vida está sendo devolvida à Adão - ao homem e à humanidade.

Ao lado da Cruz está representada a Virgem Maria e o Discípulo Amado, o apóstolo João. Com frequência, aparecem também os instrumentos da morte: a lança, com a qual lhe atravessaram seu lado, e a cana com a esponja embebida em vinagre que um soldado romano deu a Jesus Cristo.

As cruzes estão na moda, hoje em dia. A dura resistência dos ateus com respeito ao crucifixo tem contribuído para novos modismos em relação aos seus formatos. Há cruzes de diferentes formas e tamanhos, simples ou sofisticadas, que se converteram em símbolo de nosso tempo, mas não como símbolo de fé e, sim, um modo de burlar, ludibriar, confundir a fé da Igreja.

A cruz, o símbolo máximo do cristianismo, é o testemunho tangível de nossa redenção.

No Santo Ofício da Festa da Exaltação da Santa e Venerável Cruz, a Igreja glorifica o santo lenho com muitos louvores: "A Cruz é a proteção do Universo, a beleza da Igreja, o emblema dos monarcas, a afirmação dos fiéis, a glória dos anjos e o látego dos demônios".

Desde os primeiros séculos do cristianismo, cada fiel porta uma cruz sobre o peito lembrando as palavras do senhor: "Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me". Mc 8, 34.

Após o batismo, é costume abençoar uma pequena cruz que o recém-batizado trará em seu peito como escudo da fé e arma contra os demônios. Nada é tão temido pelas forças impuras como a Cruz. Nada alegra mais ao diabo que tratar com negligência uma cruz.

As cruzes que se vendem nas Igrejas são abençoadas durante um ofício especial. Há leis canônicas que tratam das formas que podem ter as cruzes: de quatro, seis ou oito pontas onde, cada linha tem seu significado simbólico.

Na tradição russa, no lado oposto da cruz grava-se a seguinte inscrição: «salva-me e protege-me».



«Santo André, com sua cruz em forma de "X" e São Francisco, em quadro de El Greco»

As cruzes que atualmente se encontram no comércio em geral, frequentemente não apresentam a forma da cruz do Gólgota na qual padeceu nosso Salvador.

A cruz abençoada deve ser portada com o devido respeito. As coisas sagradas, quando usadas sem a honra devida constituem atos de profanação e sacrilégio e, em vez de atraírem a ajuda divina, desagradam a Deus.

A cruz não é um pingente comum, tão pouco um adereço de luxo. Deus não pode ser burlado (Gl 6, 7).

Não existem normas quanto ao material a ser usado na confecção de uma cruz. São aceitáveis os metais preciosos, pois para o cristão não há nada mais precioso que a Cruz. Sem dúvida, porém, as cruzes mais simples, de madeira ou de metal, são espiritualmente mais adequadas à Cruz do Senhor.

Não há diferença se a cruz é sustentada por um cordão simples ou um fio mais resistente (corrente de metal mais nobre). O que importa é que a cruz esteja firmemente colocada.

4. OS ÍCONES

*«Tu, Divino Senhor de tudo o que existe, ilumina e dirige a alma, o coração e o espírito de teu servo, conduz suas mãos para que possa representar digna e perfeitamente tua Imagem, a de tua Santíssima Mãe e a de todos os teus santos, para a glória, alegria e embelezamento de tua santa Igreja» **

Os Ícones não podem ser comparados às outras obras de arte no sentido habitual da palavra. As pinturas, com suas características e cores, falam dos acontecimentos e da realidade concreta.

A partir do Renascimento, a vida e a natureza se expressam em pinturas com imagens em três dimensões, imagens que narram o mundo dos homens, dos animais, da natureza e das coisas. A pintura dos expressionistas e a arte abstrata são chamadas, ao contrário, a expressar as emoções do artista; emoções que mudam e transformam as proporções dos acontecimentos e das coisas e a relações de cor entre um e outro. Deformam as coisas até já não serem reconhecidas, ou melhor, prescindem da totalidade de suas imagens. Porém, neste caso, os distintos experimentos de cores e formas não transportam os espectadores para outro mundo, a outro espaço ou época, a diferentes valores. Esta missão, na história da cultura humana, está reservada, por sorte, aos ícones. Estes, não representam, senão que constituem propriamente outro mundo. E o fazem através de meios especiais de representação encontrados no transcurso de muitos séculos.





Mandylion: «Ícone Russo de Simon Ushakov 1657»

A cor dos ícones desempenha um papel muito significativo: o de uma linguagem simbólica que deve expressar, não a cor mesma das coisas, mas sua luminosidade e a dos rostos humanos, iluminados por uma luz cuja fonte se encontra fora de nosso mundo físico. Os espaços dourados dos ícones encarnam esta luz não terrena; o fundo dourado simboliza o espaço que «não é deste mundo».

Nos ícones não há sombras, porque no Reino de Deus tudo é cheio de luz.

Para aproximar-se de uma compreensão dos ícones é preciso vê-los com os olhos da fé, para os quais Deus é uma realidade inquestionável, uma realidade onipresente que subsiste por trás de todo o acontecimento, um invisível espectador e juiz, de cujo olhar nada nem ninguém, em qualquer parte, pode ficar oculto.

Os cânones e os métodos da iconografia foram sendo formados no decorrer de muitos séculos, mesmo antes de, na antiga Rus, surgir interesse por eles. As tradições da iconografia chegaram à antiga Rus ao mesmo tempo em que aceitou o cristianismo de Bizâncio no final do século X.



«São Leão II (795 - 816)»

No ano 730, o imperador bizantino Leão III proibiu a veneração aos ícones. Antes de se tornar imperador, havia trabalhado muito nas províncias orientais do Império onde se encontrava sob a influência dos bispos da Ásia Menor que, influenciados por sua vez, pelo Islam, pretendiam "purificar" o cristianismo de todo o elemento material, sensual e não espiritual. Muitos ícones, mosaicos e afrescos foram então destruídos. A veneração dos ícones, porém, não se deteve, mas continuava apesar das perseguições de seus defensores. O culto de veneração aos ícones foi temporariamente readmitido no ano 787, no VII Concílio Ecumênico e, plenamente, no ano 843.

Um defensor dos mais autorizados da veneração aos ícones foi também um dos maiores teólogos e políticos: São João Damasceno (+750), cujos argumentos exerceram influência nas decisões do VII Concílio Ecumênico.

São João Damasceno ensinava que a proibição do Antigo Testamento de se fazer imagens de Deus teria um caráter temporário:

«Na Antiguidade ninguém fazia imagens de Deus. Agora, porém, depois que Deus se manifestou na carne e viveu entre os homens, fazemos imagens do Deus visível. Não faço a imagem da divindade invisível, faço a imagem do corpo de Deus que foi visto»¹.

¹ *N.E. [Oração do iconógrafo antes de iniciar seu trabalho, acrescida pelo editor]

São João Damasceno escreveu que Deus veio para os homens em seu Filho Jesus Cristo, que entrou no mundo dos homens e aceitou o corpo humano, "porque tínhamos necessidade de que Ele fosse semelhante a nós". O visível não transmite a essência incognoscível de Deus. Como a Sagrada Escritura é uma representação verbal, uma imagem da História Sagrada, também os ícones são suas representações, porém não verbal, senão feitas com os toques do pincel e com as cores. Por isso o ícone (imagem) não é uma cópia do que se representa, mas o símbolo que pode nos ajudar a alcançar a compreensão do divino.

O ícone desempenha o papel de místico mediador entre o mundo celeste e o mundo terrestre.

O VII Concílio Ecumênico determina que os iconógrafos, no processo de seu labor, sigam estritamente os *cânones* da iconografia que regulam tanto o caráter como o modo de representação das cenas religiosas e as imagens dos santos. Explica-se assim o fato de que os ícones são portadores e conservadores da Tradição da Igreja. Por este motivo, considera-se heresia a infração de qualquer dos *cânones* iconográficos, bem como a deformação da Tradição.



«São João Damasceno († 750)»

5. OS «DÍPTICOS» (LISTA DE INTENÇÕES)

Ao entrar numa igreja ortodoxa, logo na entrada (*nártex*), sobre uma pequena mesa, ficam papéis impressos com uma cruz no timbre. Estes papéis se chamam «dípticos», isto é, uma lista para se escrever os nomes das pessoas ou intenções em geral pelas quais queremos rezar. Para que esta lista de intenções seja lida de forma correta, é preciso observar o seguinte:

Escrever de forma clara e legível (melhor, com letras de forma), não anotando mais do que 10 nomes ou intenções.

Anotar distintamente se é «pela saúde» de alguma pessoa viva ou «pelo descanso eterno» de alguém já falecido. Algumas listas já têm esta separação impressa com o título «Vivos» e «Falecidos»;

Escrever os nomes completos, não somente sobrenomes ou apelidos;

Identificar através do respectivo título ou função, se a pessoa por quem queremos rezar for eclesiástico ou militar.

Não é necessário que se diga o grau de parentesco do autor(a) das intenções com a pessoa por quem se pede orações.

Pode-se indicar estados de enfermidade, desaparecimento, viagem, aprisionamento das pessoas pelas quais pedimos orações. Não é necessário indicar os estados como o de «gravidez», viuvez, virgindade, entre outros do gênero.

Até 40 dias de falecimento, diz-se: «*pelo descanso*» ou «*repouso*»; após este tempo, nas datas de memória, diz-se apenas «*de eterna memória*».



«O sacerdote retira as partículas de intenções da *prósfora*»

Não se reza pelo «*descanso da alma*» de um santo canonizado pela Igreja.

A lista de intenções pode ser entregue alguns dias antes ou, no mesmo dia da Liturgia (para isto deve se chegar mais cedo à igreja), para que seja usada durante a «*proskomídia*» (primeira parte da Liturgia na qual se faz a preparação do pão e do vinho). A cada intenção são retiradas pequenas partículas da «*prósfora*» (palavra grega que significa pequeno pão arredondado) que, após a comunhão dos fiéis, serão misturadas ao Sangue de Cristo, enquanto o celebrante suplica a Deus pelo perdão dos pecados daquelas pessoas em memória das quais foram retiradas. Também, estas intenções podem ser proclamadas pelo diácono durante a procissão da Grande Entrada.

As listas de intenções (dípticos) podem ainda ser utilizadas para outros Ofícios Litúrgicos da Igreja, tais como os ofícios Molébens, Memoriais (pelos falecidos) etc. Neste caso, esta mesma lista onde estão as intenções pelas quais rezamos em todas as Liturgias são distribuídas aos sacerdotes e diáconos concelebrantes. Por isto mesmo, ter o nome incluído em uma destas listas é uma grande graça, porém, se assim o desejamos, devemos nos comprometer em ajudar o sacerdote ou diácono com nossas orações e em suas necessidades.

São conhecidos como dípticos certas placas de marfim, madeira ou metal, decoradas com relevos ou pinturas e unidas de modo que possam prender-se do mesmo modo que as páginas de um livro. Se são de três folhas, denominam-se trípticos e se tem mais, polípticos. Por extensão, se chamam também trípticos e

polípticos os quadros divididos em compartimentos de maneira que imitem os verdadeiros trípticos ainda que sejam de notáveis dimensões e não possam ficar presos.

Adotando a Igreja desde os primeiros séculos o costume romano, teve seus dípticos eclesiásticos, adornados por fora com temas religiosos e dispostos por dentro para escrever-se neles (gravando-os na mesma lâmina ou escrevendo-se sobre folhas de pergaminho ali aderidas) os nomes de pessoas beneméritas, seja da hierarquia eclesiástica e civil, seja de mártires e de fiéis defuntos que deviam ter-se presentes na Liturgia. Havia dípticos de vivos e dípticos de falecidos que se liam durante a Liturgia.

6. COMO PERSIGNAR-SE CORRETAMENTE

«O SINAL DA CRUZ»



Deve-se juntar os três primeiros dedos da mão direita (polegar, indicador e médio) simbolizando a Indivisível Santíssima Trindade. Os outros dois dedos (anular e mínimo) devem ser firmemente apertados à palma da mão, significando as duas naturezas de Cristo: a humana e a divina. Os três dedos juntos tocam primeiro a fronte, para abençoar o raciocínio; depois sobre o estômago, para abençoar os sentimentos; em seguida, sobre o ombro direito e, imediatamente, sobre o esquerdo para abençoar a força física, corporal. Baixando então a mão, fazemos uma pequena inclinação em reverência aos sofrimentos de Cristo sobre o Gólgota na cruz, sinal que acabamos de traçar sobre nós.

O Sinal da Cruz nos acompanha em todo o tempo e lugar: nos persignamos ao se deitar e ao se levantar, saindo à rua e entrando na igreja, ao nos sentarmos à mesa damos graças ao Senhor pelo alimento, fazendo o Sinal da Cruz sobre nós mesmos e sobre os alimentos que estão sobre a mesa, bem como ao final das refeições em agradecimento.

Ao traçarmos sobre nosso próprio corpo o Sinal da Cruz de Cristo, afirmamos, simultaneamente, a nossa fé na Santíssima Trindade e na essência de Cristo.

Convém ainda salientar que até o século XI todos os cristãos, no Oriente e no Ocidente, se benziavam como nós, Ortodoxos, o fazemos.

7. O PÃO SAGRADO

O pão ocupa em nossa vida um lugar especial. Ele é o símbolo de toda espécie de alimento e de todo esforço necessário para consegui-lo. Deus disse a Adão: «Com o suor de teu rosto, comerás teu pão». (Gn 3: 9)



«Pequenas Prósforas»

O pão é também símbolo religioso. Nosso Senhor Jesus Cristo chama-se a Si mesmo de «O Pão da Vida» (Jo 6: 35), afirmando que «[...] quem comer deste pão viverá eternamente» (Jo 6: 51). Ao transformar o pão em seu próprio Corpo durante o sacramento da Eucaristia, Jesus dignificou o pão, tão próximo em sua composição ao corpo humano. Ele tomou o pão e o abençoou, o partiu e distribuindo-o aos seus discípulos disse: «Tomem e comam, este é meu Corpo» (Mt 26: 26). O pão, que tem sua consistência nos muitos grãos de trigo que compõe a farinha, personifica a Igreja Una na multiplicidade de seus elementos.

Na Igreja Ortodoxa, além do Pão Eucarístico, consagrado na Divina Liturgia, pães são abençoados em outras várias ocasiões e ofícios litúrgicos.

«*Prósfora*» - (palavra grega que significa "dádiva ou oferta"): é o pão de trigo branco misturado a um pouco de fermento e água benta. A denominação provém do antigo costume dos primeiros cristãos de trazer o pão de casa para celebrar a Eucaristia. Atualmente as *prósforas* são preparadas pelos monges, pelas virgens ou viúvas. Estas últimas o fazem tendo uma autorização do Bispo.

A *prósfora* se compõe de duas partes que significam as duas naturezas de Cristo. Sobre a parte superior está gravado o sinal da cruz. Sobre algumas *prósforas* preparadas nos monastérios, está impressa a imagem da *Theotokos*, a Mãe de Deus, ou imagens dos santos.

Durante a Divina Liturgia recorta-se de uma *prósfora* (chamada "Cordeiro") uma parte retangular, que será consagrada, transformando-se no Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Das outras menores extraem-se partículas para a comemoração dos membros da Igreja Celestial e terrena. Das *prósforas* trazidas pelos fiéis são retiradas partículas lembrando as respectivas intenções (dípticos). Estas partículas, após a comunhão dos fiéis, são misturadas ao Sangue de Cristo no Cálice, enquanto o celebrante faz uma oração própria pedindo a Deus para que sejam perdoados os pecados de todos os fiéis, vivos ou falecidos, que foram lembrados durante a Divina Liturgia.

Os pedaços da *prósfora* que não são parte do Cordeiro, serão abençoados e distribuídos como «*antídoron*» (do grego, «em lugar da dádiva») aos fiéis no final da Liturgia. Segundo o costume, consomem o *antídoron* todos os fiéis, inclusive aqueles que não comungaram os Santos Dons (a Eucaristia), um modo de receberem, também estes, as bênçãos divinas.



«Ofício da Artoklasia»

«*Arthos*» (do grego, pão fermentado): é um pão que se abençoa na noite da Páscoa. Durante toda a semana da Páscoa (semana luminosa), o *Arthos*, símbolo da Ressurreição de Cristo, se encontra diante da Porta Real, sendo retirado todos os dias para a procissão Pascal. No Sábado «luminoso», durante uma oração especial, o *Arthos* é esmiuçado e repartido entre os fiéis que podem levar para os doentes, impedidos de comungar.

As *prósforas*, o *Arthos* e o *antídoron* devem ser consumidos em jejum e oração. O pão abençoado deve ser conservado em um recipiente limpo e separado de outros produtos comestíveis. Segundo a tradição, o *Arthos* esmiuçado é consumido durante todo o ano, de Páscoa a Páscoa.

Outro tipo de pão abençoado é aquele que se reparte entre os fiéis durante as vigílias noturnas, nas Vésperas das Grandes Festas. Na antiguidade os ofícios religiosos duravam muito tempo e os cristãos o comiam para se alimentar.

Atualmente, mesmo que a duração dos ofícios tenha sido reduzida, permanece esta tradição.

8. AGIASMÓS

«*Agiasmós*» em grego significa «coisa sagrada». Assim chamamos a água que é abençoada numa cerimônia especial. A bênção da água pode ser «menor» ou «maior». A «menor» faz-se várias vezes durante o ano. Já a «maior» só é realizada na grande

Festa da Teofania (Festa do Batismo do Senhor). A água da Teofania possui uma força especial e isto é testemunhado e sentido pelos fiéis.



«Grande Bênção das Águas (Agiasmós) no Dia da Teofania»

A Festa da Teofania atrai em geral muita gente. As igrejas ficam cheias pois, mesmo os que são menos assíduos nos demais dias do ano, não faltam à igreja neste dia para levar às suas casas um pouco do *agiasmós*. E, por que buscam esta água? Porque foi consagrada com a força e a ação do Espírito Santo. O Espírito Santo faz da água um dom que liberta dos pecados, cura a alma e o corpo. Esta água espanta todas as tentações dos inimigos visíveis e invisíveis. Ela nos ajuda a alcançar a vida eterna. Tomando desta água nos tornamos partícipes da bênção e revelação do Espírito Santo. Tão grande quanto a oração é o que ela santifica. O Batismo de Jesus Cristo santificou a própria essência da água.

A água abençoada deve ser também tomada em jejum, pela manhã. Porém, em especial necessidade de ajuda divina, pode-se tomar a qualquer hora do dia ou da noite. Deve-se conservá-la sempre em lugar especial; o mais apropriado seria no cantinho destinado aos ícones da casa, nunca, porém, no refrigerador.

Observando certos cuidados e respeito, a água abençoada permanece fresca e de gosto agradável durante muito tempo. Pode-se, além de tomá-la, aspergir-se com ela, misturá-la à comida ou aspergir os cômodos da casa. Pessoas que se encontram sob penitência e não podem receber a Eucaristia, podem tomar a água abençoada como uma espécie de consolo espiritual.

9. OFÍCIOS DE PETIÇÕES

São diversas as situações em que necessitamos da ajuda especial de Deus. A Igreja Ortodoxa possui uma variedade de ofícios que visa implorar o auxílio divino, como: suplicar pelos que faleceram, pedir a bênção sobre objetos, alimentos etc. Estes ofícios são denominados «Ofícios de Petição», já que são realizados por solicitação dos fiéis.

Na tradição litúrgica eslava, «Molében» é um ofício de súplicas fervorosas, especialmente pelos vivos, constituído por pedidos gerais ou particulares e é feita pelo sacerdote após a Divina Liturgia ou conforme o costume local.

O OFÍCIO DO «TRISÁGION» FÚNEBRE PELOS FALECIDOS.



Triságion é um ofício memorial em que a Igreja pede pelas almas dos cristãos falecidos.

A Igreja abençoa com seus ofícios tudo o que faz parte da vida humana, os objetos que usamos e os alimentos que ingerimos. A bênção dos alimentos se faz em dias especiais, por exemplo, na Véspera da Páscoa da Ressurreição, quando são abençoados os ovos e uma espécie de pão doce semelhante ao panetone, além de outros alimentos que serão consumidos no Domingo de Páscoa. Também na Festa da Transfiguração do Senhor são abençoadas frutas em geral.



«Ovos e o pão chamado «Pascha» para serem abençoados na Noite da Páscoa»

Existe ainda ofícios especiais para a bênção das casas e do automóvel. Sobre estes ofícios deve-se falar anteriormente com o sacerdote, agendando com ele data e horário convenientes.

MOLÉBEN(SÚPLICA)

Nas igrejas ortodoxas, todos os dias, ao terminar a Divina Liturgia, os sacerdotes oficiam serviços de petição. Um dos mais frequentes é o *Molében* ou o canto do *Molében*.

O que é o *Molében*? É um breve ofício de fervorosas orações para diversas necessidades cotidianas. Durante a Divina Liturgia, pela sua essência profundamente mística, frequentemente não prestamos atenção suficiente ao conteúdo de nossas súplicas diárias. Daí o costume de orarmos pelas necessidades cotidianas, como nos ensinava o Beato Ambrósio de Optina, uma oração «breve, porém fervorosa», e é isto que se realiza no *Molében*. Se estamos enfermos, se empreendemos uma tarefa importante, se nos preparamos para uma viagem, se é o dia de nosso onomástico (dia do santo que trazemos o nome), antes do início do ano letivo ou se desejamos agradecer a Deus por algo em particular, para todos estas intenções há orações especiais de *Molében*. Além destas súplicas (litânias) particulares, há cantos no *Molében* comum a todos os fiéis. A igreja tem grande variedade deles: para a bênção da água e do ano novo, para tempos de grande seca, pelos possessos, pelo dependentes químicos e o ofício do Primeiro Domingo da Quaresma (Domingo da Ortodoxia) e Natal.

No *Molében*, nos dirigimos a Nosso Senhor Jesus Cristo, a sua puríssima Mãe e aos santos. O *Molében* de ação de graças é dirigido unicamente a Deus.

Ao pedir um *Molében*, entrega-se à igreja uma lista com os nomes daqueles por quem queremos rezar no ofício. Há casos em que a pessoa que solicita a oração do *Molében* não pode comparecer à igreja, por qualquer motivo. Neste caso, deixa antes a lista de suas intenções na igreja. O Senhor recebe qualquer sacrifício, porém, é certo que é muito melhor estar presente ao ofício e suplicar junto com o sacerdote e com os demais irmãos da comunidade.

Agrega-se ao *Molében*, algumas vezes, os *Akathistos* e *Cânones*.

Ao terminar o ofício, os sacerdotes frequentemente ungem os fiéis com santos óleos e os aspergem com água benta. Segundo nossa fé, o Senhor nos envia sua ajuda, de modo que não é necessário encomendar repetidamente o ofício do *Molében* pela mesma intenção, exceto quando o fazemos por um enfermo ou para cumprir alguma promessa.



10. IRMÃO, PADRE, BISPO ...

Alguém que entra pela primeira vez numa igreja ortodoxa, sente-se normalmente inibido por não saber como se dirigir aos demais. Nós, cristãos, constituímos uma só família; todos somos parentes uns dos outros, e por isso, as formalidades são dispensadas.

«Irmão e Irmã», é a melhor forma de dirigir-se aos fiéis. Todos somos filhos do Deus único e descendentes de nossos primeiros pais.

«Padre», é o tratamento que se dá aos sacerdotes celebrantes dos sacramentos pelos quais se nasce para a vida espiritual. É comum associar à palavra «padre» o nome eclesiástico do sacerdote; por exemplo: Padre fulano, beltrano. O mesmo se dá com os diáconos.

Não é recomendável dirigir-se ao sacerdote como «santo padre» pois, em geral, a santidade de uma pessoa é reconhecida depois de sua morte (excetuando-se o tratamento dado ao Patriarca Ecumênico e ao de Roma). Todos os outros Patriarcas e líderes das igrejas Autônomas ou Autocéfalas chamamos de «Beatitude». Tão pouco podemos nos dirigir aos sacerdotes chamando-o somente pelo nome, omitindo a palavra «padre». É um desrespeito e uma grosseria.

Aos sacerdotes e diáconos tratamos por «padre» acrescentando seu nome eclesiástico; aos bispos tratamos por «Sua excelência» e, aos arcebispos e metropolitas, tratamos por «Sua eminência», por serem revestidos de maior poder eclesiástico.

Quando nos dirigimos a uma pessoa ou servidor da igreja por carta: aos sacerdotes o tratamento por Reverendo ou Reverendíssimo; ao bispo Vossa

Excelência, ao Arcebispo ou Metropolita Vossa Eminência. Ao Patriarca de Constantinopla e ao Patriarca e Bispo de Roma, «Vossa Santidade».

Os membros das seitas que não têm o sacerdócio ordenado reprovam os ortodoxos por causa destes tratamentos. Dizem que os pronomes de tratamento infringem as palavras de Cristo; «Não chameis a ninguém de Pai, pois um é o vosso Pai que está no Céu» (Mt 23: 9). Está claro, porém, que «não chameis» significa «não cultueis a ninguém como se fosse Deus». De outro modo, as palavras do Senhor não teriam sentido, pois no século I, o Evangelista e Teólogo João, em suas Epístolas, dirigia-se aos cristãos chamando-os «filhinhos». Evidentemente que, de forma correspondente era a resposta. Não se trata da palavra em si, mas de sua concepção íntima. A este respeito escreve muito bem o Diácono Andrés Kuraev: *«Até o mais convencido batista chama o seu progenitor de 'pai' e não protesta quando seu filho o chama 'papai'»*.

Esta mesma controvérsia se dá quanto ao respeito que devotamos aos ícones. Sabemos que só há um Deus e somente a Ele adoramos. Quanto aos ícones e aos nossos progenitores, por mais que os amemos, não os adoramos, pois nosso Deus é Único.

11. PADRE, ABENÇOA-ME!

Uma cena muito familiar em nossas igrejas é encontrar um sacerdote abençoando os fiéis. Ele o faz, traçando o sinal da cruz enquanto diz «A bênção de Deus esteja sobre todos vós».

Para se pedir a bênção ao sacerdote, coloca-se as mãos abertas, a direita sobre a esquerda, e depois de receber a bênção lhe beija as mãos. A forma indicada para pedir a bênção, não tem nenhum significado misterioso; é um gesto humilde dirigido a Deus que tem sua resposta por meio do sacerdote.

Pode-se pedir a bênção a um sacerdote não só apenas no interior de uma igreja, mas também fora dela. Raramente encontraremos um sacerdote ortodoxo sem sua veste talar, ou seja, a batina preta, principalmente nos países orientais. Já nos países do Ocidente é mais comum o uso da batina no interior da Igreja. Fora dela é comum encontrar padres vestidos com roupa civil com um distintivo que o identifique como um clérigo.



«O gesto de bênção»

Quando há vários sacerdotes juntos e uma pessoa quer cumprimentar ou se despedir, deve sempre iniciar pelo sacerdote de maior grau. Se o bispo estiver entre os sacerdotes, é a ele que pedimos a bênção por primeiro.

Um segundo significado da bênção é a permissão para se fazer algo. Por exemplo: todos os ajudantes em um ofício litúrgico, antes de se vestir, devem pedir a

bênção para o sacerdote que celebrará tal ofício. Ao dar a bênção, ele estará permitindo que se ajude naquela cerimônia. Outro exemplo: há pessoas que antes de viajar ou de executar uma tarefa difícil, pedem a bênção sacerdotal e seus conselhos.

Finalmente, a bênção se dá muitas vezes durante os ofícios litúrgicos e a Divina Liturgia. Com as exclamações, «Paz a todos vós», «A bênção de Deus» etc., traçando a cruz, o sacerdote abençoa os fiéis e estes, em resposta, inclinam suas cabeças e se benzem. Quando o sacerdote nos aproxima qualquer objeto sagrado, cruz, evangelho, cálice, ícone, devemos nos benzer e, se possível, reverentemente beijá-lo.

Não se deve pedir a bênção ao sacerdote quando ele está dando a comunhão, incensando ou ungindo os fiéis com o óleo santo. Podemos lhe pedir a bênção, no entanto, ao concluir a confissão auricular, ao terminar a Divina Liturgia e ofícios litúrgicos, beijando a cruz que porta em suas mãos. O pedido de «sua bênção, padre», deve sempre soar alegre e solene e nunca se converter em um estribilho apenas repetitivo.

12. A HIERARQUIA ECLESIAÍSTICA.

Cada região eclesiástica (diocese) tem seu bispo ou arcebispo. O episcopado é o grau máximo e pleno do sacerdócio, comum a todos os bispos, mesmo que sejam arcebispos, metropolitas ou patriarcas. Tais cargos ou funções não aumentam ou diminuem seu grau no sacerdócio. Todos são bispos.

Um grau abaixo do episcopado é o do presbítero ou sacerdote. Estes tomam à frente a vida da igreja nos monastérios ou nas paróquias urbanas ou rurais. Os sacerdotes são chamados "hieromonges" se são celibatários. Se são casados, podem ser "arciprestes" ou «Protopresbítero». O sacerdote principal de uma paróquia é chamado de pároco.

O grau menor do sacerdócio é diaconato. Os diáconos ajudam os bispos e os sacerdotes nos ofícios sacramentais, porém não os oficiam sem permissão do superior. Alguns diáconos recebem o título honorífico de «Protodiáconos».

Os monges, na ortodoxia, são chamados de «clero negro» por seu voto de castidade enquanto os sacerdotes casados pertencem ao «clero branco». Há três graus no estado monástico: *riasofor* (aquele que porta batina); *mandyas* (*skima* menor) e *skima* (*eskima* maior). Os que participam do grau menor possuem apenas a batina riasa que é uma veste comum para o uso diário, longa e com mangas largas.

Os monges de «*skima*» menor e maior são, em geral, os grandes superiores, distintos dos outros pelos seus votos mais rígidos. Desde o século IV, a vida monástica na Igreja Ortodoxa permanece basicamente inalterada: os sistemas, hábitos, regras, serviços são os mesmos dos primeiros monges, sem inovações ou mudanças. Todos são servos de Deus e consagrados, mesmo o «*hegúmeno*», o superior do Mosteiro. Entre todos deve haver verdadeira fraternidade.

Todos os bispos são monges. Suas denominações provêm da língua grega: «patriarca» significa «pai de todos»; «metropolita» significa «homem principal da cidade»; «bispo» significa «guardião» (da fé apostólica); «arcebispo» significa «pastor e guardião maior».

Os patriarcas e os metropolitas estão à frente de todas as organizações eclesiásticas nos países ortodoxos. Os bispos e arcebispos são seus representantes nas regiões administrativas eclesiásticas (dioceses). Os sacerdotes monges são chamados de «hieromonges»; o «*hegúmeno*» é o abade de um mosteiro e o arquimandrita (do grego: chefe da sela) é o chefe de um mosteiro grande ou de uma pequena cidade de monges (Laura). Alguns monges recebem este título por seus serviços prestados à Igreja, neste caso, um título honorífico. O «*hegúmeno*» (do grego: o guia) é o pai espiritual de um mosteiro ou de uma igreja paroquial. Os hieromonges (monges-sacerdotes) que receberam o «*skima*», também são chamados de «hieroskimonges», «skigumem» ou «skiarquimandrita». Os monges que são diáconos são chamados de «hierodiáconos» e, os maiores, de «arquidiáconos».

A vida monástica Ortodoxa tem se mantido sem grandes mudanças desde os primeiros monges cristãos. As diversas etapas de consagração no serviço monástico não são graus hierárquicos de superioridade de um sobre o outro, mas de serviço e vocação. Todos são igualmente monges e dedicam sua vida ao serviço de Deus.

13. INCENSO AROMÁTICO

Incenso sendo colocado num turíbulo bizantino
Tem início a Vigília Noturna. O coro canta solene e pausadamente o salmo 103 que fala da criação do mundo, enquanto o sacerdote caminha pela igreja com o turíbulo. O perfume do incenso enche todo o espaço.

O turíbulo, com o candelabro de sete velas, são objetos indispensáveis nos ofícios religiosos ortodoxos (Lev. 16: 12). O incenso é usado durante as orações da Igreja desde os tempos apostólicos. No turíbulo metálico, sobre o carvão aceso, colocam-se os grãos de incenso que são feitos de resinas especiais de árvores e flores. Ao queimar, o incenso produz uma fumaça aromática agradável.





«Incenso»

Já no antigo Testamento, encontramos referências ao estabelecimento do uso incenso para o serviço religioso. É suficiente recordar, entretanto, Abel, Abraão, Moisés e Davi.

O próprio Senhor, no Antigo Testamento, pediu a Moisés para que, no Tabernáculo, fosse construído um altar para a queima de substâncias aromáticas. Os Reis Magos, que vieram visitar o Menino Jesus, trouxeram incenso, entre outros presentes. O Evangelista e Teólogo João, no Livro da Revelação, (Apocalipse) viu um turíbulo de ouro sendo recebido no Templo Celestial. (Ap 8: 3-5). A fumaça do incenso que se espalha por toda a igreja durante o ofício simboliza as orações dos fiéis subindo a Deus.

Antes de iniciar a incensação, o sacerdote pronuncia a oração: "A Ti oferecemos..." Esta oração faz analogia da fumaça visível do incenso com a presença invisível da Graça do Senhor que santifica os fiéis. A incensação pode ser completa (abarcando todo o templo) ou em forma breve (altar, o iconostásio, o coro e as pessoas presentes). A incensação dos objetos sagrados (ícones, evangelho etc.) se destina a Deus, dedicando-lhe honra e louvores devidos. Quando o sacerdote ou diácono incensa as pessoas, está afirmando assim que o Espírito Santo habita em todos os fiéis que são portadores da imagem divina. Em resposta, a tradição indica que o fiel deve inclinar sua cabeça e se traçar sobre si mesmo o sinal da cruz.

É costume de alguns fiéis queimar incenso em suas próprias casas. Melhor seria se pedisse antes a bênção de seu confessor para fazê-lo, tendo assim a anuência da igreja.

14. O BATISMO

É o primeiro dos sete Sacramentos. É a porta de entrada para a eternidade. Sem ele os outros Sacramentos não podem ser ministrados. Pelo Batismo aderimos a Fé Cristã ensinada pela Igreja. O Batismo, a Crisma e a Eucaristia são denominadas «Sacramentos da Iniciação Cristã». Por isso a Igreja Ortodoxa, seguindo a santa Tradição, ministra os três Sacramentos num único ofício. No Batismo, a criança (ou o adulto) é submerso três vezes na água em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Pelo Sacramento do Batismo, o fiel morre para a vida carnal do pecado e renasce, pelo Espírito Santo, para uma vida espiritual e santa: «Eu vos asseguro: ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nasce da água e do Espírito.» Jo 3: 5.

Primeiro, «João batizava como sinal de arrependimento e pedia que o povo acreditasse naquele que devia vir depois dele, isto é, em Jesus.» At 19, 4. Depois, Jesus Cristo, por seu próprio exemplo, santificou o Batismo quando o recebeu de João. Finalmente, depois de sua Ressurreição, deu aos Apóstolos este solene mandamento: «Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo.» Mt 28: 19-20.



«A tríplice imersão»

A TRÍPLICE IMERSÃO NA ÁGUA, EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO.



«O sacerdote, após a imersão tríplice, entrega a criança ao seu padrinho»

O que se requer de quem deseja ser batizado? Arrependimento e fé. Por este motivo, também antes do Batismo se recita o símbolo da fé. «Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; depois vocês receberão do Pai o dom do Espírito Santo.» At 2: 38. «Quem crer e for batizado, será salvo. Quem não crê, será condenado.» Mc 16: 16.

Os bebês que são batizados são despídos e mergulhados três vezes na pia batismal. Após o Batismo, são vestidos com a veste branca batismal. Os adultos são batizados com uma túnica simples para, só depois vestir a roupa batismal.

Por que são, então, batizadas as crianças? Batizam-se as crianças porque a Igreja confia em seus pais e padrinhos que estão obrigados transmitir à criança a fé, desde pequena. Nos tempos do Antigo Testamento as crianças eram circuncidadas no oitavo dia depois do nascimento. O Batismo tomou lugar da circuncisão no Novo Testamento e, portanto, as crianças devem ser batizadas pequenas.



«A Unção Crismal e a Veste Nova»

«Em Cristo vocês foram circuncidados com uma circuncisão não feita por mãos humanas, mas com a circuncisão de Cristo, a qual consiste em despojar-se do corpo carnal. Com ele, vocês foram sepultados no batismo, e nele vocês foram também ressuscitados mediante a fé no poder de Deus, que ressuscitou Cristo dos

mortos.» Cl 2, 11-12 Destas palavras de São Paulo Apóstolo, se faz um exorcismo, para expulsar o demônio que, desde a queda de Adão tem acesso ao homem e exerce poder sobre ele, o prende e o escraviza. O Apóstolo Paulo se refere aos homens sem a graça dizendo: «Outrora vocês viviam nessas faltas e pecados, seguindo o modo de pensar deste mundo, seguindo o príncipe do poder do ar, o espírito que agora age nos homens desobedientes» Ef 2, 2.

A veste branca batismal significa a pureza da alma e da vida cristã.

O Batismo não pode ser ministrado mais do que uma vez pois é o nascimento espiritual: o homem nasce só uma vez, por isso, é batizado uma só vez.

Imediatamente depois do Batismo, na mesma cerimônia, utilizando o óleo do santo Crisma, o neo batizado é ungido como rei, sacerdote e profeta do Reino de Deus. O sacerdote unge os olhos, as narinas, a boca, os ouvidos (representando os sentidos); unge o coração, as mãos e os pés dizendo: «o Selo do Dom do Espírito Santo». Assim, a pessoa inteira, corpo e alma, é consagrada a Deus e recebe o Espírito Santo.

As crianças que não foram batizadas na Igreja Ortodoxa, mas que querem fazer parte dela, são recebidas pela Igreja pelo Sacramento do Santo Crisma e Comunhão, quando o seu batismo foi ministrado de forma válida e por uma Igreja canônica. Neste caso elas devem se preparar recebendo instruções catequéticas do sacerdote ou por alguém designado por ele.

15. UNÇÃO CRISMAL

A santa Unção Crismal nos concede o dom do Espírito Santo. Desde o início da Igreja, este Sacramento sempre foi celebrado imediatamente após o Batismo. O escritor eclesiástico Tertuliano, (século II) diz: «Depois do batismo de salvação recebemos imediatamente o Santo Crisma, conforme os antigos costumes». Contudo, no Ocidente, depois do Cisma, o Batismo foi separado da Crisma, passando assim a se ministrar a Santa Unção Crismal às crianças após a idade de 10 anos ou mais. A Igreja Ortodoxa pensa que, desta maneira, privam-se as crianças dos demais dons do Espírito Santo e da Santa Comunhão. Após o Batismo e a Confirmação, a Igreja Ortodoxa, seguindo a Tradição, ministra a Santa Comunhão às crianças, recordando as palavras do Senhor: «Deixai vir a mim as criancinhas.» Lc 18: 15



«O Santo Mírron»



«A unção com o santo Crisma»

Uma vez ministrado o tríplice Sacramento à criança, o papel dos padrinhos e pais como mestres e responsáveis pela fé do pequeno cristão, torna-se relevante e fundamental. Mais que no Ocidente, os padrinhos são triplamente responsáveis pelos seus afilhados. Daí porque os pais devem escolher padrinhos que levem uma vida cristã séria e que, cujas atitudes, mostrem o quanto creem em Deus e o quanto são fiéis à Igreja. Explica-se por isso a exigência de padrinhos ortodoxos e casados na igreja. Pais e padrinhos devem, desde cedo, transmitir às crianças os valores cristãos, por palavras e gestos concretos, como também os hábitos e costumes da Igreja.

Caso uma criança se afaste de sua fé, por causa do desleixo de seus pais e padrinhos, estes serão os primeiros responsáveis e terão que prestar contas a Deus. Algumas pessoas (não ortodoxas) podem pensar que dar a Comunhão a uma criança pequenina seja uma negligência. A Igreja sempre assim o fez e sempre fará. A Igreja não pode se adaptar ao mundo no que se refere a transmissão de sua fé e Tradição. A Igreja não é do mundo; ela está no mundo como sinal, luz e despenseira das graças divinas e dos dons do Espírito Santo.

Os apóstolos, para transmitir os dons do Espírito Santo, usavam o gesto da imposição das mãos (At 8, 14-16). Os sucessores dos apóstolos (os bispos) além da imposição das mãos, introduziram a unção com o santo óleo do crisma (santo Myron), inspirados nas passagens do Êxodo e Reis: Ex. 30,25; Reis 1,39.

É importante salientar que o Santo óleo do Crisma (santo Myron), usado na Crisma e nas Ordenações episcopais, é consagrado exclusivamente pelas mais altas autoridades eclesiásticas de uma Igreja local: geralmente os metropolitas ou patriarcas.



«A unção com o santo Crisma»

Na Unção Crismal, o celebrante unge a fronte do fiel (para santificar a mente e os pensamentos); unge o peito (para santificar o coração e os desejos); unge os olhos, orelhas e lábios (para santificar os sentidos); unge as mãos e os pés (para santificar as ações e o comportamento do fiel).

16. A EUCARISTIA

Imediatamente após o Batismo e a Unção Crismal, o sacerdote ministra o Sacramento da Eucaristia (Corpo e Sangue de Cristo) ao novo cristão. No caso do Batismo de um adulto, não há a necessidade da Confissão Sacramental para receber

pela primeira vez a Eucaristia, uma vez que o Batismo apaga todos os pecados. A Igreja dispensa o Sacramento da Confissão como preparação para a Eucaristia às crianças até a idade de 7 anos. Contudo, o jejum prescrito, deve ser observado por todos, inclusive por elas.

COMO SE PREPARAR PARA RECEBER A SANTA COMUNHÃO:

Para receber o Sacramento da Santa Eucaristia é preciso estar preparado por meio de oração, jejum, bom comportamento e por meio da confissão sacramental.

- Por meio de orações: o fiel que deseja comungar na Divina Liturgia, deve antes se preparar, em sua casa ou na Igreja, rezando, lendo as Sagradas Escrituras e participando do Ofício das Vésperas, no cair da tarde de sábado.
- Por meio do Jejum: desde a primeira hora do dia que se vai comungar, não se deve ingerir nenhum alimento (exceto beber água), observando momentos de oração e de silêncio. Para as celebrações dos Pré-santificados, na semana da Quaresma, jejua-se a partir do meio-dia para se comungar depois das Vésperas. A abstinência de alimentos e bebidas para a participação da Eucaristia deve ser ensinada às crianças desde já cedo.
- Por meio da Confissão: se desejamos comungar, devemos ir à Confissão, antes ou depois da Vigília Noturna (ou Vésperas) procurando, com o coração aberto e sincero, um sacerdote para recebermos o perdão sacramental. Antes, porém, devemos procurar aqueles a quem ofendemos e pedir-lhes o perdão e a paz. Não sendo possível a Confissão na véspera, é necessário fazê-lo antes da Divina Liturgia.

QUANTAS VEZES, NO ANO, DEVEMOS COMUNGAR?

«Em verdade vos digo: Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida». (Jo 6: 54-55)

A Igreja não tem uma resposta pronta para esta questão. Os cristãos dos primeiros séculos comungavam todos os domingos. Com o passar do tempo, mudaram as normas em relação a devoção cristã e, nem sempre para melhor. No século XIX, muitos cristãos russos só comungavam durante a Quaresma ou Páscoa. Atualmente, a frequência à Divina Eucaristia tem aumentado muito.



«Uma criança recebe a Comunhão»

Para aquela pessoa que conhece o Evangelho e a doutrina da Igreja, é desnecessário explicar a importância de recebermos o Corpo e Sangue de Cristo, sem o que não podemos herdar a vida Eterna, conforme nos disse o Senhor no Evangelho de São João, capítulo 6.

Os fiéis sabem que a aproximação do santo Cálice exige preparação, purificação da alma dos pecados e das paixões. Assim reza o celebrante na Divina Liturgia de São João Crisóstomo: «Ninguém que está submetido às luxúrias e às paixões da carne é digno de aproximar-se de Ti, ó Rei da Glória».

A Igreja deixa a critério do fiel e de seu confessor a frequência à comunhão, mas é bom lembrar que, na Igreja Ortodoxa, está muito difundido o hábito de comungar tanto quanto for possível, pois desta forma estaremos sempre na Graça de Deus.

EIS AQUI ALGUMAS NORMAS PARA O MOMENTO DA COMUNHÃO:

- Muitos fiéis costumam fazer uma reverência diante do santo Cálice, antes de comungar; outros preferem receber de joelhos as Sagradas Espécies.
- Quando as Portas Santas se abrem, fazemos o sinal da Cruz e já nos encaminhamos para a fila da comunhão. Lá, colocamos as mãos cruzadas sobre o peito, a direita sobre a esquerda, e assim devemos permanecer até chegar nossa vez de comungar.
- Primeiro comungam os que ajudam no altar, depois os monges, em seguida as crianças e, por fim, os adultos.
- As mulheres costumam usar véus pretos, quando casadas, ou brancos, quando solteiras, ao aproximar da Comunhão.
- Ao aproximar do cálice, devemos dizer nosso nome para o sacerdote e, em seguida, recebemos na boca, pelas mãos do sacerdote celebrante, o Corpo e Sangue de Cristo.
- Somente pode dar a Eucaristia quem A consagrou (o celebrante, ou concelebrantes, quando houver), pois Jesus, na última Ceia, «tomou o pão, abençoou e distribuiu aos seus discípulos». Ele mesmo é Quem consagra. Ele mesmo é Quem distribui. Ele mesmo Se dá pela vida do mundo. Por isso, não há em nossa Igreja os "ministros da comunhão".

- Alguns fiéis, após comungarem, costumam beijar o cálice. Não devemos tocar com as mãos o cálice, nem beijar a mão do sacerdote nesta hora, nem, tão pouco, beijar ícones ou falar com alguém ao sair da fila.
- Ao comungar, levamos em nosso corpo o próprio Deus. Por isso o respeito, o silêncio e a meditação são fundamentais, e mostram o quanto cremos na Eucaristia.
- Na tradição eslava, logo após a comunhão se recebe o «*antídoron*». Já na tradição grega, o «*antídoron*» é recebido somente no final da Divina Liturgia.
- Não é permitido comungar mais que uma vez num mesmo dia.
- Ao voltar para casa, deve-se evitar barulhos, gritarias, discussões, pois carregamos em nós Cristo Jesus

17. A CONFISSÃO

Que fazer quando a consciência nos tortura? Que fazer quando nossa alma se enche de angústia? A Igreja Ortodoxa orienta que se procure a Confissão. A confissão é a autoacusação do pecado e o propósito de não mais repeti-lo.

Pecamos contra Deus, contra o próximo e contra nós mesmos. Pecamos por atos, omissões, palavras e até por pensamentos. Pecamos por influência do diabo e do mundo: «Não há nenhum ser humano vivo sobre a terra que não peque».

Não há pecado que não mereça o perdão de Deus, por meio da Confissão, desde que haja o sincero arrependimento. Para a salvação dos pecadores, Deus se fez homem, foi crucificado e ressuscitou dos mortos. Os santos padres compararam a misericórdia de Deus, que tudo perdoa, ao mar que apaga as mais fortes chamas da iniquidade humana.

Na Igreja Ortodoxa é possível se confessar sempre. Deus confiou à Igreja o poder de perdoar os pecados de seus fiéis na pessoa de seus ministros ordenados, ou seja, padres e bispos. Nas igrejas de tradição grega, o lugar da confissão (confessionário) fica localizado no nártex, em uma sala reservada. Nas igrejas de tradição eslava a confissão se dá na nave da Igreja, próximo ao iconostásio, ao lado do ícone de Nosso Senhor Jesus Cristo. No altar da confissão está o Evangelho e uma cruz de bênção. Enquanto confessamos, colocamos nossas mãos sobre o Evangelho. O



«Sacerdote ortodoxo durante uma confissão»

sacerdote, coloca sobre a cabeça do penitente sua estola sacerdotal (*Epitrachílion*) e ouve nossa confissão. Depois, pronunciando a oração do perdão, faz sobre o penitente o sinal da cruz que, ao mesmo tempo, traça-o sobre si próprio. No final da confissão o sacerdote dá uma penitência ao fiel, como por exemplo, participar dos ofícios litúrgicos, jejuns, peregrinações, visita ao cemitério, aos hospitais ou aos lugares sagrados, para que fiel e piedosamente, a cumpra.

Após ouvir as orientações do sacerdote-confessor, o fiel beija o Evangelho, a cruz de benção e a mão do sacerdote, indo em seguida acender velas diante dos ícones dos santos de sua devoção.

A Igreja qualifica como pecado grave os homicídios, os abortos, as infidelidades conjugais, os desvios sexuais, o roubo, as blasfêmias, o ódio, a maldição, entre outros. Os pecados menos graves também prejudicam o homem e constituem uma barreira para se alcançar o Reino dos Céus.

Se nos confessarmos sem o arrependimento e o propósito de não repetir os mesmos erros, a confissão torna-se inválida.

Após sete anos de idade, somos responsáveis pelos nossos próprios pecados. Os que se fazem batizar em idade adulta, não tem necessidade de confessar os pecados de sua vida pregressa, pois o batismo apaga todos os pecados.

18. O MATRIMÔNIO

O Matrimônio é o sacramento por meio do qual, na presença do Sacerdote e da Igreja, os noivos prometem-se, livremente, fidelidade conjugal e a viver um para o outro no amor, no respeito, acolhendo com confiança os momentos de alegria e tristeza, para constituir uma família cristã. Compara-se a união dos nubentes com a união espiritual entre Cristo e a sua Igreja.

A cerimônia do Matrimônio apareceu tardiamente na vida da Igreja. Foi introduzido em Constantinopla, no século IX. Antes disso, um casal que desejava se casar, simplesmente procurava a Igreja para receber juntos a santa Comunhão.

Atualmente o rito do Matrimônio é considerado um dos mais belos ritos da Igreja Ortodoxa.

OS IMPEDIMENTOS CANÔNICOS PARA O MATRIMÔNIO

O casamento civil e a celebração do Matrimônio realizado na Igreja, não são regidos pelas mesmas leis. O casamento civil é regido pelas leis civis de cada país. Já o sacramento do Matrimônio segue os *cânones* e leis da Igreja que nem sempre concordam com as leis dos homens. Nem todo casamento civil é abençoado pela Igreja.



«A Coroação»

A Igreja Ortodoxa não permite a realização de muitos casamentos, mas concede que um segundo casamento possa ser realizado quando, por graves e justos motivos, um primeiro casamento tenha sido anulado pela autoridade canônica máxima da Igreja.

No caso de um dos nubentes ser ateu declarado, não batizado ou estar ainda casado com outra pessoa, a Igreja Ortodoxa não permite a realização do sacramento do Matrimônio. Ainda, no caso de parentesco, a proibição se estende até o quarto grau, isto é: não se permite casamento entre primos, bem como, de filhos cujos pais sejam primos. A antiga tradição também proibia casamentos entre padrinhos e afilhados. Não podem ainda receber o Sacramento do Matrimônio os que fizeram votos monásticos ou que receberam a ordenação sacerdotal (diácono, sacerdote e bispo). Por isto, é equivocado dizer que "a Igreja ortodoxa aceita o casamento de padres". Admite, sim, ordenar homens casados ao sacerdócio, desde que a respectiva família esteja de acordo, mas, em hipótese alguma um sacerdote poderá se casar. Se um homem casado, que tenha recebido as ordens sagradas, ficar viúvo, não poderá se casar novamente.

O MATRIMONIO NÃO É OFICIADO NAS SEGUINTE DATAS:

- Durante os vinte dias que antecede o Natal (15 de novembro a 25 de dezembro);
- Durante a Santa Quaresma (40 dias antes da Páscoa);
- Duas semanas antes da Festa de São Pedro e São Paulo (ou seja, de 14 de junho a 29 de junho);
- Durante a primeira Semana da Páscoa;
- Nas vésperas das doze principais festas da Igreja;
- Nas Quartas-feiras, Quintas-feiras e Sábados após o pôr do sol;
- Na Festa da Decapitação de São João Batista (29 de agosto);
- Na Festa da Exaltação da santa Cruz (14 de setembro).

Em condições excepcionais, o bispo local pode dar permissão para a celebração do Matrimônio nestas datas.

CONSELHOS AOS NUBENTES

Nos primeiros séculos do Cristianismo o Matrimônio era celebrado sempre após a Divina Liturgia. Atualmente, nem sempre isto sendo possível, a Igreja orienta para que o casal, após o casamento, venha a Liturgia para comungar. A Comunhão é importante para que a vida matrimonial tenha um bom e santo início. No dia escolhido, os recém-casados devem observar o jejum eucarístico prescrito e abster-se, na véspera, da relação sexual. É recomendável que façam antes a Confissão com o sacerdote.



«O Cálice Comum»

No dia do casamento na Igreja, a presença dos amigos e familiares dos nubentes é muito importante. Todos os convidados devem chegar antes dos noivos para recebê-los com alegria e, de acordo com o costume, para rezar pelo novo casal, acendendo velas diante dos ícones de devoção. As alianças devem ser entregues antes ao sacerdote celebrante para que ele as coloque sobre o Altar para serem depois abençoadas.

A noiva, na Igreja Ortodoxa, deve usar véu branco e não apenas uma tiara, ou um adereço comum. Os noivos, em comum acordo, devem escolher um casal de padrinhos para que segurem (troquem) as coroas conforme o Rito Bizantino do Matrimônio.

As coroas significam que todos nós, cristãos, pertencemos ao Reino de Deus, e que cada família constituída tem a missão de perpetuá-lo. São coroas da felicidade, mas também do martírio, pois a vida a dois tem os momentos de felicidade, mas também de dificuldades. Depois das leituras bíblicas, o casal toma de um cálice comum vinho tinto abençoado pelo celebrante. Tal gesto significa que, doravante, os dois terão uma vida comum. Após tomarem do cálice o celebrante conduz o casal para uma tríplice volta em torno do altar no qual o Matrimônio está sendo oficiado.

O SEGUIMENTO DO SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

O sacramento do Matrimônio consiste em duas partes: o Rito dos Esponsais e o Rito da Coroação. Originalmente, esses eram feitos em dias diferentes. No Rito dos Esponsais o sacerdote entrega aos noivos uma vela acesa, símbolo da alegria, calor e pureza. Prossegue com a benção e a entrega as alianças, primeiro ao noivo, depois à noiva, traçando com elas o sinal da cruz sobre cada um deles para simbolizar a Santíssima Trindade. Após as alianças, o celebrante pergunta aos noivos sobre a liberdade, a consciência e o desejo de ambos



«A volta tríplice em torno do altar»

estarem ali para se unirem em matrimônio. Reza, em seguida, três orações nas quais se recorda os santos matrimônios bíblicos do Antigo e Novo Testamento. Tomando e seguida as coroas, ricamente adornadas, semelhante a dos reis, faz a oração de bênção impondo-as sobre as cabeças de ambos. Entretanto, os padrinhos auxiliam os noivos neste rito. O sacerdote com os braços elevados, suplica que Deus para que os noivos sejam coroados de glória e honra. Lê-se, depois, a Epístola e o Evangelho que fazem alusão a este Sacramento.

No final, os esposos se colocam em frente as portas reais onde o sacerdote faz a homilia.

Os cumprimentos aos noivos se dão fora da Igreja. Na igreja ortodoxa não há casamentos múltiplos. Cada casal tem sua cerimônia própria.

SEGUNDO MATRIMÔNIO

A Igreja ortodoxa não aconselha um segundo matrimônio, admitindo realizá-lo, unicamente, por condescendência às debilidades humanas.

No ritual dos nubentes de segundo matrimônio duas orações de arrependimento são acrescentadas ao rito, omitindo-se as perguntas sobre a liberdade e o desejo de cada nubente. Tudo mais segue o mesmo rito do primeiro casamento.

Nunca é tarde demais para realizar o casamento sacramental. Aos casais que apenas vivem juntos e, sobretudo os que já foram abençoados com a geração de filhos, a Igreja orienta que busquem a Igreja para oficializar e abençoar esta união já vivida.

DISSOLUÇÃO DO MATRIMÔNIO ECLESIAÍSTICO

A dissolução do matrimônio (anulação) só pode ser feita pelo bispo da Diocese onde foi celebrado o sacramento e por motivos muito graves, tais como: infidelidade ou adultério comprovados, inaptidão de um dos nubentes para a consumação do casamento, infertilidade, rejeição da possibilidade de ter filhos; quando um dos nubentes for coagido a se casar, tolhendo sua liberdade de escolha e livre arbítrio, o casamento é, automaticamente, nulo.

19. UNÇÃO DOS ENFERMOS

O Sacramento da Unção dos Enfermos ou o óleo de bênção, como denomina os livros de ofícios eclesiásticos, foi estabelecido pelo próprio Senhor. Podemos ler a respeito em Marcos que os apóstolos, ensinando por toda a Palestina, ungiam aos enfermos com o óleo e os curavam. São Tiago, em sua Epístola, também faz referência a este Sacramento:

«Alguém de vocês está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará e, se ele tiver pecados, será perdoado». (Tg 5: 14-15).

Disso podemos concluir que o Sacramento da Unção dos Enfermos é o Sacramento da cura. E. Poselyanin, escritor ortodoxo do século XIX, escreveu: «Em nenhum lugar está dito que toda a doença é mortal e que, por causa disso, deve-se desesperar. Não devemos também esquecer que o cristianismo reconhece o sofrimento da alma como uma graça; contudo, quando há possibilidade de cura, devemos procurá-la sempre. Quando se necessita da ajuda e da força divina para nos libertarmos de tristezas ou desesperos, devemos procurar auxílio na Unção dos Óleos».

Não podemos confiar tão somente nos conhecimentos da medicina, que é também uma ferramenta da mesma Providência Divina que atua na cura. Deus pode fazer uso da medicina para curar uma pessoa enferma, da mesma forma que, se for de Sua vontade, vale-se do óleo para curar. Normalmente, a Unção aos Enfermos é feita nas residências, porém, durante a Quaresma, é costume administrá-lo na igreja.



«Vasos com o Óleo Santo»

O rito da bênção do óleo dos enfermos é oficiado pelo bispo e por vários sacerdotes que com ele concelebram. Juntos, abençoam com orações próprias o azeite vegetal, após a leitura da Epístola e do Evangelho, conforme prescreve o rito. Os enfermos são ungidos na cabeça, no peito, nas mãos e nos pés. O óleo é a imagem da misericórdia, do amor e da compaixão divina.

Além de possibilitar a cura corporal, a Unção dos Enfermos restaura com o perdão divino a alma de todo o pecado, já que o rito prescreve que se faça a confissão antes da bênção do enfermo.

A Igreja aconselha a Unção dos Enfermos às pessoas que estejam padecendo de alguma enfermidade física; para os que se encontram fisicamente saudáveis existem outras bênçãos mais adequadas.

BÊNÇÃO COM O SANTO MYRON OU COM O ÓLEO

Jesus, o Filho de Deus, também é chamado de Cristo, que significa na língua grega «o Ungido». Nos tempos atuais a Santa Unção tem o significado de eleição para o serviço de Deus e participação nos dons do Espírito Santo para quem a recebe. Assim, Moisés ungiu Aarão e seus filhos a quem Deus designou para o sacerdócio (Ex. 40, 15); Samuel ungiu Saul (I Reis 10: 1); Elias ungiu Eliseu (III Reis 19: 15). Depois do Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre a Igreja do Novo Testamento, a unção com o óleo passou a ser administrada a todos os seus membros, como sinal de pertença a ela. Atualmente, a unção é feita nos sacramentos do Batismo, Crisma, Ordem e Unção dos Enfermos e no final do Ofício de Vésperas e Vigília Noturna. A unção tem muitos simbolismos: morte para o pecado (na antiguidade os defuntos eram ungidos com óleo); força para a luta contra o pecado (também os gladiadores eram ungidos antes das lutas).



«A Unção dos Enfermos»

No Batismo, o sacerdote diz enquanto unge o batizando: «o servo (a serva) de Deus N., é ungido(a) com o óleo da alegria, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo». A unção feita nos ofícios de Vigília Noturnas, véspera de dias festivos, se estende a todos os presentes, símbolo de bênção, proteção e ajuda de Deus.

É importante distinguir estas unções do Sacramento da Unção dos Enfermos. Esta última é dada exclusivamente aos que padecem de alguma enfermidade.

O óleo usado nas unções em geral é feito com azeite vegetal puro. O santo Myron (usado na Unção Crismal e Unção dos Enfermos) é composto por óleo vegetal, aloés, mirra e essência de rosas. Conforme os *cânones*, somente o bispo pode abençoar o Santo Myron que é conservado no Altar principal da igreja, ao lado o Artofórion (sacrário).

A unção com o Santo Myron é feita imediatamente após o Batismo. Se uma criança não batizada corre risco de morte, um cristão batizado pode lhe ministrar o sacramento do batismo. Caso a criança recupere a saúde será preciso então levá-la à igreja para que o sacerdote complemente este Batismo, ungindo-a com o santo Myron. A unção com o santo Myron, de acordo com a práxis da Igreja, une definitivamente à Igreja Ortodoxa os que eram membros de outras igrejas cristãs.

20. QUANDO CHEGA A MORTE

Cedo ou tarde, todos nós seremos confrontados com esta realidade. Na medida de nossas forças e possibilidades é preciso que tratemos com toda atenção e cuidado o corpo da pessoa que faleceu, zelando para que a dignidade humana seja preservada também nesta hora. Deve-se providenciar um ataúde, o funeral e um enterro cristão.

Após a morte do corpo, a alma é acolhida no Paraíso, ou no inferno, até o juízo final. Os pedidos memoriais, os ofícios de Triságion fúnebre e as Orações pelos falecidos, durante a Divina Liturgia, trazem conforto aos familiares e ajuda as almas dos que faleceram.

Na hagiografia (relatos das vidas dos santos) há uma passagem sobre o Justo Macário o Grande, revelando que ele rezava constantemente pelos falecidos. Certa vez, no deserto, ele tinha visto um crânio que, pela força de Deus, lhe comunicou que as orações dos vivos pelos pecadores falecidos lhes obtinham alívio para seus sofrimentos.



«No interior da igreja, usam véus negros para a Comunhão»

É fundamental sepultar o falecido na terra, em uma sepultura.

A Igreja Ortodoxa condena a cremação, pois este costume vem de culturas orientais não cristãs que não acreditam na ressurreição.

Mesmo que um falecido tenha deixado o desejo que seu corpo seja cremado após morrer, os familiares podem falar com o sacerdote, pedindo autorização e bênção para que seja providenciado uma sepultura.

O Ofício do Triságion Fúnebre é celebrado em três ocasiões: no dia do aniversário de nascimento, do onomástico e nos aniversários de morte.

Podemos e devemos acender velas nas intenções dos falecidos.

O cemitério é um lugar de respeito e lá devemos ir para rezar pelos falecidos e não para outros fins. Profanar as sepulturas é pecado grave. Ao contrário, devem ser cuidadas e conservadas pelos familiares para que esteja sempre limpa, com flores e, quando possível, com velas acesas.

As viúvas devem vestir-se de luto pelo menos até 40 dias após o falecimento. Algumas mulheres vestem-se de luto e permanecem viúvas por toda vida.

No interior da igreja, usam véus negros para a Comunhão.

21. SOBRE O JEJUM

A Igreja ensina a seus filhos a levar uma vida moderada, distinguindo e observando, especialmente, os dias e períodos de jejum e abstinência obrigatórios. Os

santos do Antigo Testamento já praticavam habitualmente o jejum, conforme relatam as Sagradas Escrituras, bem como Nosso Senhor Jesus Cristo. (Mt 4)

A rigidez no cumprimento dos jejuns é abrandada para as pessoas mais idosas, os enfermos, as gestantes e lactantes.

O jejum, porém, não deve ser só de alimentos, mas também espiritual. «Equivoca-se aquele que considera que o jejum consista só na abstenção da comida. O jejum autêntico, nos ensina São João Crisóstomo, é o afastamento do mal, o domínio da língua, o controle da ira, o apaziguamento das paixões, não praticar a calúnia, a mentira e a injúria. O corpo que jejua recebe o alimento da Graça divina.



O jejum obtém a controle sobre os desejos da carne, abrandando as irritações, torna vigorosa a razão, purifica os pensamentos, afasta as tentações da carne e mantém a continência».

Jejuar é um costume muito praticado pelos fiéis ortodoxos.

22. ORAÇÃO PESSOAL

O jejum e a oração constituem a base da vida de um cristão ortodoxo. A oração é uma conversa da alma com Deus, do mesmo como, numa conversa, há sempre alguém que fala e outro que escuta. Na oração falamos com Deus e Ele fala conosco. É preciso saber escutar Deus em nossas orações, por isto, a grande importância do silêncio e da meditação. Na oração não devemos falar sem parar, pois assim, não será uma oração, não será uma conversa, não será um diálogo.

«Oração de Intercessão»

A Igreja faz orações diariamente por todos e para todos. Para isto estabeleceu um «devocionário» que deve ser seguido com seriedade, maturidade espiritual segundo as possibilidades de tempo de cada um.

O «Livro das Orações» ou o «devocionário» nos brinda com lindas orações, matutinas e vespertinas, acessíveis a todos. São orações dedicadas à Mãe de Deus, ao Senhor, ao Anjo de guarda; orações para antes e para depois das refeições; orações para a hora de deitar e acordar etc.

Pode-se ainda incluir no devocionário as orações dedicadas aos santos de devoção particular.

Quando não houver possibilidade de rezar diante de ícones pela manhã, em casa, podemos rezar a caminho do trabalho, no carro, no ônibus ou caminhando. O

importante é sempre orar: ao levantar-se pela manhã, antes de fazer a primeira refeição, ao menos o sinal da cruz para que aquele dia seja abençoado por Deus.



No fim do dia devemos também rezar, agradecendo pelo dia e pedindo proteção para a noite que está por vir. Se o fiel estiver enfermo ou muito cansado, a oração vespertina deve ser feita antes de se deitar e de maneira mais breve. Contudo, nunca devemos deixar que os compromissos do dia a dia nos impeçam de conversar com Deus. As orações feitas na igreja, com nossos irmãos, não nos isentam do dever da oração pessoal.

Na oração da manhã, sobretudo, devemos rezar sempre e primeiro pela paz do mundo, pelo bispo, hierarca da comunidade, pelo confessor, pelos pais e padrinhos de batismo, pelos familiares e amigos. Quando houver pessoas que nos odeiam, devemos rezar por elas, desejando a paz e o bem.

É costume pela manhã ler o Evangelho do dia e algum Salmo. Os monges aconselham os fiéis ortodoxos a lerem o Evangelho em sequência, quando não tiverem o calendário das leituras em casa.

O objetivo principal do «devocionário» é preparar a alma do cristão para um diálogo permanente e vivo com Deus; despertar no fiel pensamentos de confiança, purificar o coração do pecado e evitar as tentações. Devemos «rezar incessantemente no Espírito, com orações e súplicas de todo tipo, e fazer vigílias, intercedendo, sem cansaço, por todos os cristãos». (Ef 6: 18)

Como rezar quando nos falta tempo? Com que palavras rezar? Quem não sabe ler, como fazer para rezar? São Serafim de Sarov aconselha que sempre e em todo lugar façamos a oração de Jesus: «Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, tem

piedade de mim pecador!» Repetir muitas vezes o «Kyrie Eleison». É uma oração breve, mas que agrada a Deus e eleva nossa alma.

23. VIDA FAMILIAR ORTODOXA

A primeira coisa que notamos, ao entrar numa casa de uma família ortodoxa, são os ícones espalhados pela casa: nas paredes, nas portas, na cabeceira das camas, nos móveis.

Nas tardes de sábado ou nas vésperas das grandes festas é comum acender velas ou lamparinas diante dos ícones.

Uma prática muito comum, seguida pelas famílias ortodoxas, é comprar carvão e incenso na Igreja para usá-los em casa. O perfume do incenso na casa, junto com as velas acesas diante dos ícones, nos faz lembrar a igreja. Cada lar ortodoxo deve ser uma pequena igreja.

Em geral, é a mãe que assume a responsabilidade de transmitir os costumes da veneração aos ícones, incensação da casa etc., aos seus filhos.



24. BÊNÇÃO DA CASA

Quando uma família se muda para uma casa nova, chama o sacerdote para que faça a «bênção da casa». Após as orações iniciais, o sacerdote abençoa toda a casa aspergindo água benta em todos os recintos.



Unge também com óleo as portas de entrada e saída para que nela só entrem as graças divinas e saiam para fora dela o que não for de Deus.

Incensa, em seguida, todos os cômodos.

Geralmente o pai ou a mãe, segurando uma vela acesa, acompanha o sacerdote pela casa.

Além disso, cada ano, na «Festa da Epifania», as casas das famílias são abençoadas com a água preparada na Igreja.

É costume neste dia, após a «Grande Bênção das Águas», cada fiel levar para a sua casa um pouco daquela água abençoada.

A bênção da água, na «Festa da Epifania», recorda o Batismo de Jesus no Rio Jordão. É desta água abençoada neste dia que o sacerdote faz uso para benzer as casas, os automóveis, os ícones, as roupas, as velas e as pessoas

25. OUTROS COSTUMES DO LAR

No Domingo de Ramos, leva-se para casa os ramos bentos para serem colocados próximo aos ícones da casa. Na Festa da Transfiguração, são levadas para a Igreja frutas que para serem abençoadas e depois consumidas pela família em casa.

No lar de uma família cristã ortodoxa, leva-se muito a sério os jejuns prescritos, sobretudo na Quaresma. Nas Quartas e Sextas-feiras, é costume alimentar-se com comidas menos pesadas, refeições mais simples. Durante a Semana Santa, o jejum é observado com muito rigor, sobretudo na Sexta-feira, quando muitos não comem absolutamente nada.

Evidentemente que as criancinhas, os doentes e os velinhos não estão obrigados a observar com tanto rigor o jejum prescrito.

Nos dias das grandes festas ou no dia do padroeiro de uma igreja ou cidade, as famílias costumam decorar a casa com flores, destacando o ícone da festa ou do padroeiro.

As tardes de Sábado são especiais, pois o Domingo já tem início ao pôr do sol de Sábado. A família vai a Igreja participar do ofício de "Vésperas" e para fazer a Confissão, se quiserem comungar no Domingo. O ofício das "Vésperas" é um ofício de preparação para a Divina Liturgia. Em casa, são acesas velas diante dos ícones e se queimam incenso. Há um clima de recolhimento especial, de silêncio pré-anunciando o dia sagrado que é o Domingo.

O nascimento de um bebê, numa família ortodoxa é emocionante. Há uma bênção especial dada ao recém-nascido e à sua mãe, logo que chegam da maternidade. Depois de 8 dias, os bebês são levados à Igreja para a Apresentação. Se for um menino, o sacerdote abençoa o bebê entrando com ele no colo, no Santuário; se for uma menina o sacerdote fica em frente ao iconostásio. Até 40 dias após o nascimento, a criança deve ser batizada.



«Oração antes de dormir»

Algumas famílias se reúnem de manhã e à tarde para a oração diante dos ícones. Há o hábito de rezar antes e depois das refeições. Quando um sacerdote ou um bispo for convidado para alguma refeição, cabe a eles fazer a bênção dos alimentos. Havia um costume muito antigo de reservar um lugar à mesa para Cristo. Caso alguma pessoa pobre ou um peregrino viesse pedir comida, o dono da casa fazia sentá-lo à mesa naquele lugar reservado.

Antes de dormir ou de sair para ir à escola, os filhos, membros da família pedem a bênção aos seus pais. É comum, também, rezarem juntos dentro de um automóvel, durante uma viagem, pedindo proteção a Deus e aos anjos de guarda.

Muitos outros costumes ortodoxos se perderam com o tempo, sobretudo quando não mais se vive num país ortodoxo, contudo, muitas famílias ainda mantêm as tradições e os costumes, perpetuando as expressões visíveis da fé. O que, para os nossos antepassados foi expressão da nossa fé em Deus, não somente deve ser recordado como revivido.

Os membros da família ensinam uns aos outros as seguintes orações e passagens:

- O Pai- nosso (Mt 6: 9; Lc 11: 2-4)
- Os Mandamentos (Ex 6 e Lv 19: 18)
- As Bem-Aventuranças (Mt 5)
- O Credo (niceno-constantinopolitano)
- Orações matutinas e vespertinas
- Orações para antes e depois das refeições
- Os 7 sacramentos

Não se deve confundir os 7 sacramentos com os respectivos ritos. O rito é um símbolo externo de uma piedosa expressão de nossa fé. O Sacramento é uma cerimônia na qual a Igreja invoca o Espírito Santo e sua Graça sobre os fiéis. Os sete sacramentos são:

1. Batismo
2. Crisma
3. Comunhão
4. Confissão
5. Matrimônio
6. Unção dos Enfermos
7. Ordem.

26. A BÍBLIA SAGRADA

É comum escutarmos a pergunta: «Podemos ler a Bíblia protestante, pois dizem que lhe faltam alguns livros?» Pode um ortodoxo ler estas bíblias sem dano para sua alma?

A grande maioria das Bíblias editadas por protestantes são Sinódicas, do século XIX. Podemos observar isto já na primeira página. Estas podem ser lidas por ortodoxos, sem prejuízo de sua fé ou ensinamentos da Igreja.



«Bíblia Sagrada»

Existe outras Bíblias de «livre tradução» que podem confundir, especialmente aquelas que contém muitos comentários infundados a respeito da História da Salvação, conforme a Tradição nos ensina.

Outra característica muito importante é a falta de alguns livros do Antigo Testamento: Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Jeremias - Segundo e Terceiro, livro de Esdras e os três livros de Macabeus. Na tradução autêntica da Bíblia, ou seja, a tradução grega, estes livros aparecem. Sempre devemos ler uma Bíblia que contenha também os livros deuterocanônicos.

Uma Bíblia protestante pode ser lida, desde que haja discernimento dessas diferenças. Nos países ocidentais, onde não houver uma Bíblia ortodoxa, podemos usar uma Bíblia católica sendo a mais recomendada a «Bíblia de Jerusalém».

Pedimos a Deus que tenhamos também em todos os países um exemplar da Bíblia editada pela Igreja Ortodoxa, com notas fiéis à nossa tradição.

27. O ROSÁRIO BIZANTINO (KOMBUSKINI)

A vida do cristão é trabalho e oração. «Orai incessantemente» (1Tes. 5, 17), assim nos recomendou o apóstolo Paulo e os santos de nossa Igreja que, por experiência, falam do poder e da eficácia da oração permanente. A oração mais freqüente, à chamada «oração de Jesus». É a oração mais antiga do cristianismo, pois recorda o pedido do cego de nascença: «Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim pecador!»

Se reuníssemos todos os escritos dos santos padres a respeito desta oração, teríamos muitos volumes. A brevidade e a simplicidade desta oração permite



«Cordão de Oração»
(Kombuskini)

que todo cristão possa rezá-la muitas vezes ao dia. Como rezar contando o número de vezes? Eis aqui o rosário que nos ajuda nisto. O fato de tê-lo em nossas mãos ou em um dos bolsos da camisa ou da calça, nos recorda da prática da oração.

O rosário bizantino é feito de fios de lã. O número de contas que compõe um rosário bizantino varia: 50, 100 ou 150. A cada 10 contas há uma separação por uma conta maior onde se reza o «Pai-nosso». Ao terminar, reza-se: «Verdadeiramente é digno e justo...»

Na Rússia antiga, o rosário tinha outro formato, o de uma escadaria, igualmente fechada, composta de vários degraus. Chamava-se «escadaria» e significava, no sentido espiritual, a escada da salvação, a escada da subida ao Céu. O círculo fechado do rosário significa a oração interminável, eterna.

O rosário bizantino ou «kombuskini», faz parte do hábito dos monges; os leigos podem usá-lo com a bênção do padre espiritual. Como toda coisa sagrada, o rosário é abençoado e deve ser usado com respeito e sem ostentação.

28. ONOMÁSTICO

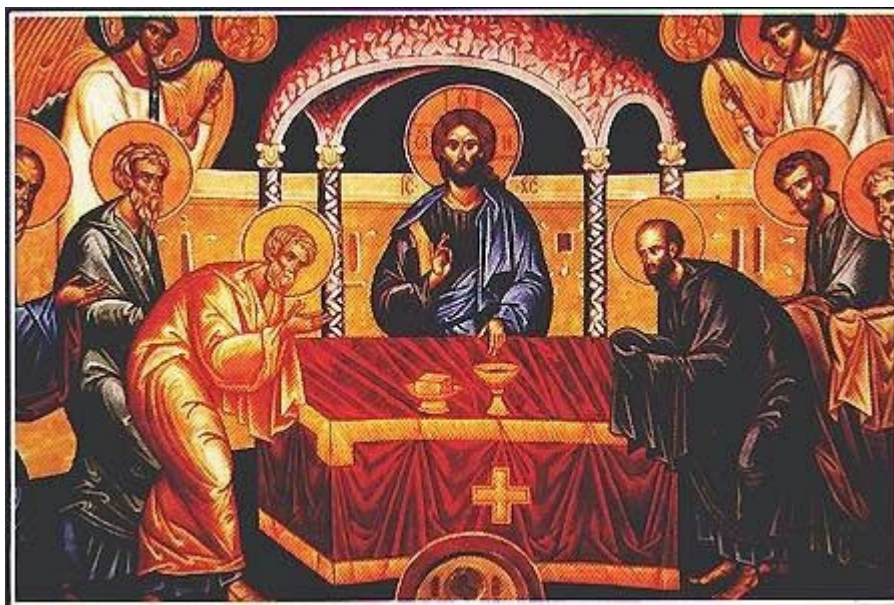


A Festa máxima do cristianismo é a Páscoa, festa da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. E, para o cristão, em particular, existe uma comemoração toda especial a cada ano: é a festa do seu «Onomástico», ou seja, o dia do Santo de seu nome.

No passado as pessoas recebiam o seu nome da Igreja, no Batismo. Era frequente dar à criança o nome do santo comemorado naquela data ou no dia do nascimento.

Para as meninas, se a festa de seu nascimento ou batismo não coincidissem com a comemoração de uma santa, colocava-se o nome de uma santa comemorada em data mais próxima.

29. A DIVINA LITURGIA



«A Comunhão dos Apóstolos»

A palavra «Liturgia» significa trabalho do povo, ofício popular ou função. A liturgia nos revela a verdadeira relação entre a pessoa e a comunidade, entre o membro e o corpo: «Ama a teu próximo como a ti mesmo». Nos ofícios litúrgicos esta frase se torna relevante e nos ajuda a nos desprender de nós mesmos. Junto ao nosso destino estão os destinos de todos os homens. As litanias, como enormes ondas, arrastam o fiel para além de si mesmo; não é só uma oração, é a nossa oração, é o canto da comunidade pela vida e pela salvação do mundo.

A Divina Liturgia, propriamente dita, representa as três passagens da economia da salvação. A primeira parte, a Proskomídia, mostra o laço messiânico entre a Pré-história e a História; a segunda parte, a Liturgia dos Catecúmenos, representa em seu conjunto a obra salvadora de Cristo; a terceira parte, a Liturgia dos Fiéis, representa a Paixão, a Morte, a Ressurreição, a Ascensão, a Parusia e o Reino de Cristo. Assim, como disse Teodoro de Andina, a «Liturgia é o resumo e a recapitulação do mistério da economia da salvação».

A Liturgia é um mistério que celebra tendo como cenário o sagrado templo (a igreja) em conjunto com os fiéis. É um drama dialogado e dirigido pelo sacerdote, assistido pelo diácono e pelo coro dos fiéis.

Neste «serviço público» ou, nesta «causa comum», o povo apresenta sua oferenda a Deus e Deus o abençoa com sua graça e sua presença. As portas do

Iconostase são os marcos divisores entre o que é terreno e o que é celeste. Permanecendo entre o santuário e a nave da igreja, o diácono (anjo-mensageiro), anuncia o que acontece no interior do santuário, entoa o diálogo litúrgico, guia as orações da assembleia e orienta as posturas dos fiéis no interior da nave.

A Divina Liturgia é também, e sobretudo, uma participação, uma comunhão de toda a assembleia que celebra a morte, a sepultura, a ressurreição ao terceiro dia, a Ascensão aos céus, o sentar-se à direita do Pai e a celebração da segunda e gloriosa vinda de Cristo. A divina Liturgia é a celebração da salvação do homem de todos os tempos. Cristo, na Eucaristia se faz presente e se dá a nós em comunhão. É durante a Liturgia que se manifesta o que Cristo fez, faz e o que fará por nós; é o momento em que nos encontramos com o próprio Deus; é na Liturgia que, ao comungarmos, nos encontramos e comungamos a mesma realidade com nossos irmãos; é donde recebemos o Corpo e o Sangue do Cristo ressuscitado.

Os israelitas tinham o costume de celebrar o «berakoth» ou as «bênçãos», onde davam graças a Deus pelos dons recebidos. A palavra «eukharistia» significa ação de graças rendidas a Deus pelos dons que Ele nos oferece. É, com efeito, por esta ação de graças «eucaristia» permanente que o homem reconhece a obra do Criador, manifestando seu agradecimento em nome da Criação inteira e re-envia a sua glória - «anapempo» = devolver, voltar a enviar). É por meio da Eucaristia, por esta ação de graças, que o homem, sendo a consciência de toda a Criação, reconhece a ligação que une Criação com o Criador e mantém, por esta celebração de ação de graças, a corrente de amor entre Deus e toda sua Criação e, ao mesmo tempo, mantém a harmonia do Universo.



«Berakoth»

Na noite de Quinta-feira Santa, nosso Senhor Jesus Cristo celebrou uma «berakoth» ou seja, «Benção», ceando com seus discípulos. Como narra o Evangelista Lucas:

«Quando chegou a hora, Jesus se pôs à mesa com os apóstolos. E disse: 'Desejei muito comer com vocês esta ceia pascal, antes de sofrer. Pois eu lhes digo: nunca mais a comerei até que ela se realize no Reino de Deus'. Então, Jesus tomou o cálice, agradeceu a Deus e disse: 'Tomem isto, e repartam entre vocês; pois eu lhes digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus'. A seguir, Jesus tomou um pão, agradeceu a Deus, o partiu e distribuiu a eles, dizendo: 'Isto é o meu corpo, que é dado por vocês. Façam isto em memória de mim'. Depois da ceia, Jesus fez o mesmo com o cálice, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é derramado por vocês'» (Lc 22: 14-20).

Esta passagem faz referência ao ritual judeu de bênção de uma comida, como é descrita no Mishna:

«No início da refeição, se benze um cálice de vinho, dizendo: 'Bendito és Senhor Deus nosso, Rei dos séculos, que nos dá o fruto da videira'». É por isso que Jesus tomou primeiro um cálice de vinho, antes da comida e disse: «Tomem e repartam entre vocês, pois lhes digo, que já não bebereis do fruto da videira, antes que chegue o reino de Deus».

No Ritual judeu, depois desta primeira bênção, o membro mais jovem da família, ou um servo, traz um bandeja com água para lavar as mãos do chefe da família. Na Última Ceia, quem fez isto foi São João, o mais jovem dos apóstolos; Jesus não quis que lavasse suas mãos, antes, Ele mesmo lavou os pés dos seus discípulos. «Durante a ceia, o diabo já tinha posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de trair Jesus. Jesus sabia que o Pai tinha colocado tudo em suas mãos. Sabia também que tinha saído de junto de Deus e que estava voltando para Deus. Então, se levantou da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e amarrou-a na cintura. Colocou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando com a toalha que tinha na cintura» (Jo 13: 2-5).

Depois, o chefe da família, tomando o pão, o partia dizendo:

«Bendito sejas, Senhor Deus nosso, Rei dos séculos, que produzes o pão da terra... Damos graças a nosso Deus que nos alimenta em abundância». Jesus «tomou o pão e, havendo dado graças, o partiu e deu a seus discípulos dizendo: 'isto é o meu corpo que por vós é dado. Fazei isto em minha memória'» (Lc 22: 19).

Jesus repetiu o gesto tradicional do chefe da família judia, dando, porém, um sentido completamente novo, identificando o pão com seu próprio Corpo que foi entregue à Cruz pela vida do mundo.

Depois da comida o chefe da família toma novamente o cálice com vinho e o abençoa. Jesus também assim o fez:

«Do mesmo modo, depois de ter ceado, tomou o cálice e disse: 'este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que por vós se derrama'» (Lc 22: 20).

Assim se explica as duas bênçãos do cálice que só São Lucas conservou em seu Evangelho. Jesus deu um sentido novo, identificando o vinho com seu Sangue que foi derramado no dia seguinte na cruz. Este Sangue foi o selo da Nova Aliança entre Deus e os homens.

São Paulo completa em sua carta:

«Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que Ele venha» (1Cor 11: 26).

A bênção da ceia e a oferenda a Deus do pão e do vinho estavam associados à oferenda do Corpo e Sangue sobre a Cruz que Cristo fizera na manhã seguinte. O sacrifício de Cristo, oferecido ao Pai pelo perdão e remissão dos pecados dos homens de todos os tempos é a perpétua recordação do início da Nova Aliança entre Deus e seu povo: «Fazei isto em minha memória», «até que 'Eu' venha» (Lc 22: 19; 1Cor 11: 26)

Quando celebramos, no Memorial Eucarístico, o que o Senhor nos pediu, (*anamnesis*), saímos do tempo para comungar o «gesto eterno» do Filho de Deus que nos reconduziu ao reino do Pai. É por obra do Espírito Santo que a celebração eucarística, dada em um determinado tempo, se converte em «comunhão e participação» eternas, para toda a assembleia, na Eucaristia instituída pelo Filho de Deus.

A importância da Divina Liturgia está em que:

- Nela se manifesta e participamos de tudo o que Cristo fez, faz e fará para a salvação da humanidade.
- É na Divina Liturgia que realmente nos encontramos com Cristo Salvador face-a-face.
- A Divina Liturgia é uma antecipação do Banquete do Reino onde Cristo e sua esposa, a Igreja, celebrarão suas bodas.
- Na Divina Liturgia comungamos o Corpo e Sangue de Cristo junto com nossos irmãos, cumprindo o que o Senhor nos pediu: «Que vos ameis uns aos outros, como vos amei». (Jo 13: 34)
- Nela, ao receber o Corpo e Sangue de Cristo, contemplamos a sua Ressurreição: «Se vivemos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor. Cristo morreu e voltou à vida para ser o Senhor dos mortos e dos vivos». (Rm 14: 8-9).
- Historicamente a Liturgia se dá em torno da Ceia do Senhor.

O Apocalipse nos dá a visão do que simultaneamente se passa na terra e no Céu durante a liturgia:

«Depois disso, eu vi uma grande multidão que ninguém podia contar: gente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam todos de pé diante do trono e diante do Cordeiro. Vestiam vestes brancas e traziam palmas na mão. Em alta voz, a multidão proclamava: 'A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro'. Nessa hora, todos os Anjos que estavam ao redor do trono, dos Anciãos e dos quatro Seres vivos, ajoelharam-se diante do trono para adorar a Deus. E diziam: 'Amém! O louvor, a glória, a sabedoria, a ação de graças, a honra, o poder e a força pertencem ao nosso Deus, para sempre. Amém!'» (Ap 7: 9-12)



A Visão de São João - «Apocalipse»

Todo o Cosmos, os homens e os Anjos se unem na mesma eucaristia: «O Anjo mostrou para mim um rio de água viva; era brilhante como cristal; o rio saía do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça, de cada lado do rio, estão plantadas árvores da vida; elas dão fruto doze vezes por ano; todo mês elas frutificam; suas folhas servem para curar as nações. Nunca mais haverá maldições. Nela estará sempre o trono de Deus e do Cordeiro, seus servos lhe prestarão culto. Verão sua face, e seu nome estará sobre suas fronteiras. Não haverá mais noite: ninguém mais vai precisar da luz da lâmpada, nem da luz do sol. Porque o Senhor Deus vai brilhar sobre eles, e eles reinarão para sempre. Então o Anjo me disse: 'Estas palavras são fiéis e verdadeiras, pois o Senhor, o Deus que inspira os profetas, enviou o seu Anjo para mostrar aos seus servos o que deve acontecer muito em breve. Eis que eu venho em breve. Feliz aquele que observa as palavras da profecia deste livro'. Eu, João, fui ouvinte e testemunha ocular dessas coisas. Tendo-as visto e ouvido, ajoelhei-me para adorar o Anjo, aquele que me havia mostrado essas coisas. Mas ele não deixou: 'Não! Não faça isso! Eu sou servo como você, como os seus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro. É a Deus que você deve adorar'. O Anjo falou ainda: 'Não guarde em segredo as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo. O injusto, que continue com sua injustiça; o sujo, que continue com suas sujeiras; o justo, pratique ainda a justiça; o santo, continue a se santificar! Eis que venho em breve, e comigo trago o salário para retribuir a cada um conforme o seu trabalho'. (Ap 22: 1-12)

Nesta visão do mundo futuro, os Padres distinguem a imagem da Eucaristia, porém já aqui na terra «quem come minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna». (Jo 6, 54)

A Eucaristia no mundo é já algo diferente do mundo: «Que chegue a graça e que passe o mundo», exclama a Oração Eucarística da Doutrina dos doze apóstolos. Ante o anúncio escatológico, o mundo se eleva: a Encarnação, a Expição, a Ressurreição e a Parusia se anunciam do fundo do Cálice. É a essência do Cristianismo: o mistério da Vida Divina se constitui em mistério da vida humana, «para que todos sejam um, como Tu Pai, estás em mim e eu estou em ti» (Jo 17: 21)

Por ter sido a Igreja instituída no dia de Pentecostes, já se revela a essência de sua natureza: «perseveravam na comunhão fraterna, partiam o pão e oravam juntos» (At 2, 46); «Todos os que acreditavam viviam unidos, tendo tudo em comum (At 2, 44) Por meio do Pão (Corpo de Cristo), os fiéis se convertem no mesmo pão, no mesmo amor uno e trino.

Cada vez que um fiel ortodoxo se aproxima da Santa Ceia, pede: «Faze-me partícipe da tua Mística Ceia, ó Filho de Deus» O memorial litúrgico convida os fiéis à participarem do Único que permanece, como diz São João Crisóstomo: «Toda Eucaristia foi oferecida uma só vez». E o «Cordeiro de Deus é partido, mas nunca consumido ... »

29.1. O DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

Desde a época em que os discípulos, depois de Pentecostes, «[...] acolhiam assiduamente o ensinamento dos apóstolos, participavam da comunhão, da oração e da fração do pão [...]», (At 2, 42) a Igreja de Cristo não cessou de, a cada Domingo, Dia do Senhor, fazer o mesmo. Hoje, chamamos a tudo isto de «Divina Liturgia».

Mesmo que, seguindo as tradições locais, a Divina Liturgia se revista de formas diferentes, ela é fiel ao mesmo esquema para toda a Igreja Ortodoxa que remonta, evidentemente, à Tradição Apostólica, fonte comum da prática de todas as igrejas locais.

É este esquema apostólico que vamos analisar, encontrado em todas as liturgias em uso pelos cristãos ortodoxos, desde a origem até os dias atuais e, em especial, na Liturgia de São João Crisóstomo, na de São Basílio, o Grande, na Liturgia de São Tiago - (Igreja de Jerusalém), na de São Marcos - (Igreja de Alexandria). A Liturgia de São João Crisóstomo é a mais comum; a de São Basílio é celebrada em algumas datas especiais; as outras podem ser celebradas por toda a Igreja nos dias dos respectivos santos autores.



«O Altar Principal»

ESQUEMA LITÚRGICO

1. A PREPARAÇÃO DO SACERDOTE

- a. As orações de entrada no santuário;
- b. As orações de paramentação do sacerdote.

2. A PROTESIS OU PROSKOMIDIA

- a. Preparação do pão e do vinho.

3. A LITURGIA DOS CATECÚMENOS

1. Enarxis: bênção inicial do sacerdote;
2. Lítania da Paz: longa oração litúrgica alternada entre o diácono e os fiéis e concluída pelo sacerdote. Quando não há a presença do diácono, o celebrante faz, ele mesmo, esta parte;
3. Primeira Antífona: o coro canta o salmo 103, ou alguns versículos antifonados que louvam a *Theotokos*, pedindo a intercessão de Deus;
4. Lítania Menor: similar a primeira em sua estrutura, contendo apenas as duas orações finais e a conclusão do sacerdote;
5. Segunda Antífona: o coro entoa o salmo 145 ou alguns versículos antifonados que louvam os santos pedindo sua intercessão junto a Deus;
6. Hino da Ortodoxia: imediatamente após a entoação do salmo 145 o coro canta o «Glória ao Pai ...» e o Hino da Ortodoxia. («Ó Filho Único e Verbo de Deus, que sendo imortal ...»);
7. Segunda Lítania Menor: exatamente igual a anterior;
8. Terceira Antífona: o coro canta as «Bem-aventuranças», ou alguns de seus versículos de louvor a Deus;
9. Pequena Entrada - procissão com o Evangelho;
10. Isodikon: o coro canta: «Vinde adoremos ...», ou outro canto próprio, se é dia festivo;
11. Tropários: o coro canta os Tropários e os Kondákions próprios;
12. Triságion: «Santo Deus, Santo Forte, Santo Imortal...».

4. A LITURGIA DA PALAVRA

- a. Prokímenon;
- b. Leitura da Epístola;

- c. Aleluia;
- d. Leitura do Evangelho;
- e. Homilia.

5. LITURGIA DOS FIÉIS

- a. Litania da Súplica Fervorosa;
- b. Oração pelos Catecúmenos;
- c. Despedida dos Catecúmenos;
- d. Primeira Oração pelos Fiéis;
- e. Segunda Oração pelos Fiéis.

6. CHERUBIKON - HINO DOS QUERUBINS

- a. Grande Entrada: procissão com os santos dons;
- b. Petições;
- c. Litania da *Prótesis* ou Proskomídia.

7. ÓSCULO DA PAZ

8. O SÍMBOLO DA FÉ - (CREDO);

9. ORAÇÃO EUCARÍSTICA

- a. Anáfora;
- b. Hino da Vitória - «Santo, Santo, Santo ...»
- c. *Anamnesis* - memorial da Ceia do Senhor;
- d. Oferecimento - «O que é teu ...»;
- e. Epicleses - consagração;
- f. Grande Oração pela Igreja;
- g. Megalinarion - Canto a *Theotokos*;
- h. Dípticos;
- i. Litania.

10. O PAI-NOSSO

- a. Oração de Inclinação - («Inclinemos nossas cabeças perante o Senhor!»);
- b. Elevação - «O Santo para os Santos!»;
- c. Fração do Pão.

11. COMUNHÃO

- a. Comunhão do Clero;
- b. Comunhão dos Fiéis;
- c. Hino Pós-Comunhão;
- d. Bênção dos Fiéis com os Santos Dons;
- e. Os Santos Dons são levados ao altar da Proskomídia.

12. AÇÃO DE GRAÇAS

- a. Litania de Ação de Graças;
- b. Oração Fora do Santuário;
- c. Bênção Final;
- d. Distribuição do *Antídoron*.

A *PRÓTESIS* OU PROSKOMÍDIA

O primeiro ato da Divina Liturgia, a *Prótesis* - (rito de preparação do pão e do vinho), é cheio de significados. É quando, de forma sucinta, celebra-se a imolação do Cordeiro. Do mesmo lado do ícone da *Theotokos*, encontra-se o altar da *Prótesis* ou Proskomídia - (ofertório). Sobre ele são preparados os Santos Dons para a consagração. O ícone do Nascimento de Jesus está sempre neste altar, para lembrar que Jesus nasceu para o divino sacrifício, para a nossa redenção.



«Altar da Proskomídia»

Para a Proskomídia são utilizados:

- **Diskos** - (patena): círculo metálico onde se coloca o Cordeiro (parte de pão que vai ser consagrada) e todas as partículas comemorativas, pelos vivos e falecidos;
- **Asteriscos** - (ou estrela): é uma ponte em forma de cruz que sustenta o véu que cobre os Santos Dons sobre o *diskos*;
- **Cálice**;
- **Prósforas** (pães para consagrar);
- **Lança** - objeto metálico cortante em forma de lança usado para cortar as *prósforas*;

- **Colher da Comunhão** - objeto metálico em forma de uma colher com cabo longo, usado na comunhão dos fiéis;
- **Esponja** - usada na purificação do cálice e *diskos*;
- **Véus** - dois pequenos para cobrir o *diskos* e o cálice, e um grande que cobre os dois menores. Estes véus geralmente são das mesmas cores dos paramentos do dia. As cores variam conforme a festa ou o tempo litúrgico;
- **Zeón** - recipiente baixo (em forma de jarra) de prata ou metálica que serve para colocar água quente usada após a epiclesis;
- **Turíbulo e incenso** - que simboliza os dons oferecidos pelos Reis Magos ao Menino Jesus - (ouro, incenso e mirra).

«PROSKOMIDIA: A PREPARAÇÃO DOS SANTOS DONS»

Do lado oposto ao altar da *prótesis* está o *diakonikon*. É uma pequena capela ou sala onde se vestem os sacerdotes, diáconos e acólitos. Lá estão guardados os ornamentos litúrgicos, livros, vasos sagrados e outros objetos litúrgicos.

Após as Orações Preparatórias e a paramentação, o sacerdote dirige-se ao altar da *prótesis*, fazendo as Orações Iniciais. Toma o pão e, sobre ele, traça três vezes o sinal da cruz. Com a lança, corta o pão do lado direito, dizendo: «Como ovelha, ó Cristo Rei, foste conduzido ao matadouro» (Is 53, 7). Faz outra incisão do lado esquerdo rezando: «... e como um cordeiro inocente diante do tosquiador, nem sequer abriu a boca» (Is 53, 7). Recitando versículos bíblicos, faz mais dois cortes, um em cima e outro embaixo. Retira da *prósfora* a parte cortada, chamada Cordeiro, e a coloca na patena (*diskos*) com a parte do selo voltada para baixo, simbolizando a *kenosis* do Senhor. Faz com a lança um corte em forma de cruz dizendo: «O cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo é imolado pela vida e a salvação de mundo». Coloca então o Cordeiro na posição correta novamente (com o selo para cima) e, com a lança, atravessa-o dizendo: «E um dos soldados abriu-lhe o lado com a lança e, imediatamente, saiu sangue e água. Aquele que viu é que dá testemunho, e seu testemunho é verdadeiro» (Jo 19: 34)



«Proskomidia: a preparação dos Santos Dons»

Colocando vinho e um pouco de água dentro do cálice diz: «Bendita seja a união dos teus santos dons, agora e sempre e pelos séculos dos séculos».



Em seguida, com a lança, retira do pão pequenos pedaços denominados «partículas de comemoração». O primeiro pedaço, dedicado à Virgem Maria Mãe de Deus, é colocado à direita do Cordeiro, simbolizando a Virgem que estava à direita da Cruz. Todas as outras partículas serão colocadas à esquerda do Cordeiro: o precursor, os anjos, os profetas, os apóstolos, os santos, os vivos

e os mortos.

Assim, sobre o *diskos*, se constitui a figura profética da Igreja em sua dimensão universal, que abrange o céu e a terra, que alcança os presentes e os ausentes. É a imagem do Corpo Místico de Cristo.

Após as comemorações as oferendas são cobertas com os véus e incensadas.

A LITURGIA DOS CATECÚMENOS

Depois de incensar o altar da *Prótesis*, o sacerdote se dirige ao altar principal e o incensa pelos quatro lados. Prossegue a incensação dos ícones, da igreja e dos fiéis e, novamente, o altar. De braços abertos diante do altar principal, pede a assistência do Espírito Santo rezando: «Rei Celestial [...]»; faz três reverências e beija o Evangelho.

No início da Liturgia dos Catecúmenos, o diácono se posiciona diante das portas santas e pede a bênção ao celebrante: «Abençoa, Senhor». O celebrante, por sua vez, toma o Evangelho, traça com ele o sinal da cruz sobre o *antimíSSION* fechado, dizendo: «Bendito seja o Reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo [...]». Esta oração nos coloca na presença de Deus Uno e Trino.

O diácono (ou o sacerdote, quando não for assistido por ele) inicia então as doze súplicas da Grande Lítania da Paz (também conhecida como *Iriniká*) que são respondidas pelo coro com: «*Kyrie eleison*». São feitas três litânias, sendo as duas últimas menores. Durante o canto da Primeira Antífona, o diácono se posiciona diante do ícone da Santa Mãe de Deus e, na Segunda Antífona, diante do ícone de Cristo. Permanece nestas posições somente durante o canto das antífonas, retornando ao seu lugar, diante das portas santas, para cantar as ladainhas.



Após a última Pequena Súplica e durante o canto da Terceira Antífona, o celebrante faz três reverências diante do Altar e toma o Evangelho para iniciar a Pequena Entrada, ou seja, a procissão com o Evangelho. Precedido pelos ceroferários, eleva solenemente o santo Evangelho de modo que todos possam vê-lo, conduzindo-o pelo interior do santuário, gesto que representa a vida pública de Jesus.

A Oração de Entrada menciona os anjos que celebram no céu a eterna Liturgia, e que se unem aos fiéis para a celebração comum:

«Mestre e Senhor, Deus Nosso, que estabeleceste nos céus as ordens e os exércitos de anjos e arcanjos para celebrar a Liturgia da glória, faz que com nossa entrada tenha lugar a entrada de teus anjos, para que conosco concelebrem e glorifiquem teu amor, pois a Ti pertencem a glória e adoração [...]».

«A PEQUENA ENTRADA»

Os ritos da Pequena Entrada (quando o Evangelho é conduzido pelas portas santas) e da Grande Entrada (quando os Santos Dons do pão e do vinho são levados pelas portas santas) são momentos místicos em que os anjos do céu tocam a terra para saudar o Verbo (Palavra) de Deus e saudar o que será o Corpo e Sangue de Cristo após a consagração. Os anjos celebram no céu a eterna Liturgia e participam na Liturgia dos homens, no tempo e no espaço, da adoração perpétua.

Quando o sacerdote diz: «Bendita seja a entrada de teus santos [...]», todos os santos e todos os homens se prostram diante de Deus. Assim, Deus Santo, oculto no mistério de seu esplendor como em uma nuvem é adorado por todas as potências de sua própria santidade, «radiante no rosto de seus santos».

Depois da Bênção de Entrada o diácono eleva o Evangelho e proclama «Sabedoria!». É um pedido para que os fiéis evitem qualquer distração e entreguem-se completamente à adoração. O coro canta «Vinde adoremos [...]». No Ofício Pontifical, este é o momento em que o bispo se dirige para o interior do santuário.

Seguem os cantos dos tropários e Kondákions que lembram a festa ou o santo do dia, pois todos os santos festejados se juntam aos homens no mesmo ato de adoração. É o advento de Cristo cercado pela multidão de testemunhas e servidores de sua glória; é a santidade de Deus em seu princípio humano, assembleia dos santos. Após os cantos, o sacerdote abençoa os fiéis dizendo: «Porque Tu és Santo, ó nosso Deus, [...] agora e sempre pelos séculos dos séculos».

O sacerdote recita a Oração do Triságion:

«Deus santo que habitas no Santo dos Santos, a quem louvam os Serafins com um hino três vezes santo, glorificado pelos Querubins e adorado por todas as potestades celestes. Tu que te dignaste conceder a nós, teus humildes e indignos servos, a honra de nos encontrarmos neste instante diante da majestade e da glória de teu santo Altar e de oferecer a adoração que te é devida: aceita pois, Senhor, de nossos lábios pecadores, um hino três vezes santo, pois Tu és santo, ó nosso Deus e te glorificamos, Pai e Filho e Espírito Santo. Amém». Faz em seguida três reverências, enquanto reza o Triságion, e o coro canta: «Santo Deus, Santo Forte, Santo imortal, tem piedade de nós [...]».

Antes de concluir o Hino Triságion, o diácono diz «*Dínamis!*» (força). É um convite a redobrar a intensidade e fazer ressoar plenamente o hino. Na Liturgia Pontifical, durante o canto, o bispo sai do santuário pelas portas santas tendo em sua mão esquerda o *dikirion* (candelabro com duas velas acesas cruzadas, significando as duas naturezas de Cristo) e na direita o *trikirion* (candelabro com três velas acesas cruzadas que significa as três pessoas da Santíssima Trindade) e abençoa o povo. Após a benção, o bispo volta para seu trono.

São Justiniano - (martirizado em Roma no ano de 155) nos ensina que a celebração do Mistério Eucarístico deve ser precedida por leituras bíblicas, e que tais leituras devem ser explicadas por quem celebra (presbítero ou bispo). Esta primeira parte é chamada, dentro da Divina Liturgia de Liturgia dos Catecúmenos em referência à participação daqueles que estavam se preparando para serem batizados, os catecúmenos.

Estas leituras são assim feitas:

1. Leitura do Antigo Testamento: na Liturgia de São João Crisóstomo são retirados do Antigo Testamento a Primeira e Segunda Antífonas e os *Prokimenon*; na Liturgia de São Basílio, quando é celebrada com Ofício de Vésperas, faz-se as leituras do Antigo Testamento.
2. Leitura da Epístola: acontece em todas as liturgias. São lidas cartas que os apóstolos escreveram às primeiras comunidades cristãs.
3. Leitura do Evangelho: é lido um trecho de um dos quatro evangelhos. No Tempo Pascal é lido o Evangelho de São João; no Tempo de Pentecostes o Evangelho de São Mateus; o Evangelho de São Lucas começa a ser lido após a Festa da Santa Cruz (14 de setembro); o Evangelho de São Marcos é lido no Tempo da Quaresma.



«Diácono proclama e Epístola»

Em geral, quem proclama o Evangelho é o diácono, mas o bispo pode fazê-lo ou designar um sacerdote que o faça. Na tradição grega, o diácono proclama o Evangelho diante do trono episcopal; na tradição eslava, o Evangelho é proclamado diante das portas santas, no ambão. Ao final, o diácono leva o santo Evangelho para que o bispo o beije. O bispo beija o Evangelho e faz com ele o sinal da cruz sobre o povo. Solenemente, o Evangelho é colocado sobre do altar, não mais sobre o *antimíssion*, mas de pé, ao lado ou atrás dele. O bispo ou um sacerdote faz a homilia, explicando as leituras ou a festa litúrgica do dia. A Liturgia dos Catecúmenos termina após as litanias.

A LITURGIA DOS FIÉIS

Chamamos esta segunda parte de Liturgia dos Fiéis porque, somente os que foram batizados podem participar dela, do mistério da Crucifixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Os espectadores, os curiosos ou não-cristãos podem não entender nem assimilar a importância do Sagrado Mistério que envolve a Divina Liturgia e, por isso, podem profanar ou caçoar do que acontece no santuário. No início do cristianismo os diáconos pediam para que estas pessoas se retirassem da igreja. Atualmente, ainda permanece tal convite que é feito de maneira solene, antes da oração do Credo Apostólico.



«O sacerdote transporta os Santos Dons»

A Liturgia dos Féis consta de quatro partes que correspondem aos momentos vividos por Cristo na Última Ceia, Sexta-Feira Santa, Sábado da Ressurreição e no Encontro com os discípulos de Emaús.

Depois de cantadas as litanias, o sacerdote abre o *antimísson* e o coro canta solenemente o Hino Querúbico. A alma dos fiéis se esvazia para entrar em sintonia com os coros angélicos que louvam a Deus. O celebrante faz em silêncio uma longa oração de preparação, pedindo perdão de suas faltas e reconhecendo-se indigno de celebrar os divinos mistérios. O celebrante incensa o altar nos quatro cantos, o altar da *Proskomidia*, os ícones, o iconostásio, o coro e o povo. Se houver diácono, ele faz a incensação.

Encerrado o Hino dos Querubins, inicia-se a Procissão dos Santos Dons (pão e vinho), precedida pela cruz processional, ceroferários e turiferário. O turiferário coloca várias pedrinhas de incenso no turíbulo para queimar, fazendo com que o aroma encha toda a igreja. O silêncio toma conta da igreja; todos os fiéis se inclinam (ou se ajoelham) na medida em que a procissão avança, em sinal de respeito e não de adoração, pois o que está sendo transportado não é ainda o Corpo e o Sangue de Cristo. O que está sobre o *diskos* e no cálice é pão e vinho que serão consagrados e transformados no Corpo e no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo na *epiclesis*.



«O Bispo recebe os santos Dons diante das Portas Santas»

A Grande Entrada, ou a Procissão do Ofertório é a representação da entrada de Cristo à cidade de Jerusalém. Os fiéis representam o cortejo que acompanhavam o Senhor, que estendiam seus tapetes e ramos de oliveira pelas ruas para saudá-lo. O diácono carrega o *diskos* (patena) com o pão; o sacerdote translada o cálice com vinho. Passam pelos corredores (lateral e central) para que todos saibam que Cristo esteve

com seu povo e que estes o aclamaram Rei. O bispo toma das mãos do diácono o *diskos* e faz os oferecimentos, enquanto o diácono incensa os santos dons. Depois, faz o mesmo com o cálice. O bispo, para quem são entregues os Santos Dons, representa o Cristo que tomou em suas mãos o pão e o vinho, na última ceia. De pé diante das portas santa ele espera pelo cortejo processional, recebendo os dons (pão e vinho) que foram preparados na Proskomídia. Após a incensação dos dons, o bispo os leva para o altar principal, colocando-os sobre o *antimíssion* que já estará aberto.

«A GRANDE ENTRADA»



A procissão do clero com os santos dons até o santuário representa a oferenda que Cristo fez de si próprio quando, no Gólgota, sobre e pela Cruz redimiu o mundo. Graças a esta redenção os homens podem entrar no reino dos céus e podem experimentar a alegria do paraíso. A procissão do clero, rumo à entrada do santuário, simboliza também que, graças ao sacrifício de Cristo, o povo de Deus entrará um dia na glória eterna. Também nós, neste momento da procissão, devemos nos recordar das palavras do bom ladrão e pedir: «recorda-te de mim Senhor, quando chegares em teu reino».

O Celebrante, ao colocar o cálice sobre o *antimíssion*, ao lado esquerdo do *Diskos*, reza: «O nobre José, tendo descido da cruz o corpo puríssimo do Senhor, o envolveu com um sudário branco e perfumado e o colocou em um sepulcro novo». Esta é a cerimônia da recordação da morte e do sepultamento do Senhor. O celebrante retira os véus do cálice e do *diskos* e os coloca dobrados sobre o altar. Cobre então as oferendas com o grande véu e as incensa por três vezes, rezando: «Na tua benevolência abençoa Sião; Tu reconstruirás as muralhas de Jerusalém. Então aceitarás os sacrifícios legítimos, as oferendas e os holocaustos; e sobre o teu Altar serão oferecidos novilhos». As portas são fechadas neste momento, e as cortinas do santuário corridas, simbolizando a pedra que selou o sepulcro de Jesus. Voltarão a ser abertas no momento da *Profissão de Fé*, após o *Abraço da Paz*.

Aproxima-se o momento do Ofertório e do Cânon Eucarístico; as cortinas se abrem, impulsionadas pelo triunfo da nova vida, pela fé na ressurreição. A abertura das cortinas significa a abertura do céu para o homem que agora se aproxima do grande mistério, e que é convidado a abrir-se igualmente, com sua alma, para Deus. A oração do ofertório antecipa a *epíklesis*:

«... E concede-nos Senhor, que possamos achar favor aos teus olhos para que o nosso sacrifício te seja agradável; e que o Espírito de bondade, fonte de tua

graça, desça sobre nós, sobre estes dons que te oferecemos e sobre todo o teu povo».

Antes de professar a fé da Igreja, o diácono faz o convite da paz: «Amemo-nos uns aos outros para que em comunhão de espírito professemos». Enquanto o coro entoa solenemente a resposta, o sacerdote faz três reverências profundas, beija os santos dons (que estão cobertas com o véu) e o altar e declara ao Senhor Deus seu amor: «Amar-te-ei Senhor, Tu que és minha força! O Senhor é o meu apoio, meu refúgio e meu libertador». Os concelebrantes trocam entre si o Abraço da Paz.



«O Beijo da Paz»

Somente enraizado no amor e na unidade da mesma fé o homem participa de todos os santos mistérios da vida divina; só quem ama pode conhecer o Amor, só quem ama pode fazer a experiência da Trindade. Por isso, a aproximação do canto do Credo Apostólico, que anuncia que o Deus-Amor veio até nós, que Ele sofreu e nos salvou, pode fazer com que todos se deem o ósculo da paz, sinal da unidade em Cristo. O beijo da paz não é dado no silêncio. O beijo é acompanhado por uma expressão que professa a fé no Ressuscitado: «Jesus Cristo está em nosso meio». São os irmãos que se amam que anunciam a presença de Deus em seu meio. O visível e o Invisível da Igreja se unem para mudar a natureza das coisas.



«O Credo»

Durante o canto ou recitação do Credo, o celebrante eleva o grande véu e o agita suavemente sobre os santos dons, símbolo do sopro do Espírito Santo, até o momento em que se diz: «... e o seu reino não terá fim». Dobra o véu e o coloca junto com os outros véus menores. Quando, durante o Credo se reza « ... Creio na Igreja Una, Santa Católica e Apostólica», todos fazem o sinal da cruz, pois é esta a Igreja que é o Corpo Místico de Cristo.

O diácono, sai do santuário e convida a todos que permaneçam de pé, pois se aproxima o momento da Anáfora. Voltando-se para os fiéis, faz a saudação paulina: «A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco». Convida para que os fiéis elevem seus corações ao alto e que deem graças ao Senhor que é o nosso Deus.

Uma vez afastadas as preocupações mundanas, com o coração entregue a Deus, o homem verdadeiramente livre pode participar do mistério que se realiza. Quando o sacerdote convida a que «demos graças ao Senhor nosso Deus», o coro responde com palavras de reconhecimento, adoração e contemplação à Eucaristia Trinitária:

«É verdadeiramente digno e justo adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível.»

O sacrifício de Cristo é um sacrifício trinitário.

Após as respostas cantadas pelo coro, o sacerdote reza em voz baixa o Prefácio Eucarístico. A oração do prefácio é o nosso mais puro reconhecimento do poder de Deus, da sua natureza trina e de suas obras no mundo para salvar os homens. O celebrante também agradece a liturgia que se celebra, embora Deus já tenha «... multidões de Anjos e Arcanjos, de Querubins e Serafins ...» que O louvam sem cessar. O celebrante, elevando a sua voz, conclui o prefácio, dizendo: «... que entoam o hino da vitória cantando, clamando, bradando e dizendo». Retira o asterisco do *diskos*, beija-o e, a cada verbo pronunciado bate com ele sobre o *diskos* para simbolizar que os quatro cantos do mundo louvam a Deus em sua glória e majestade; deposita depois o asteriscos junto com os véus. O coro entoam em voz forte e solene o «Santo, Santo, Santo...»



«O que é Teu, recebendo-O de Ti, nós Te oferecemos em tudo e por tudo»

O sacrifício é anunciado pela comemoração e pela *anamnésis* evocada pelas palavras da santa Ceia; «Isto é meu Corpo... Isto é meu Sangue». Depois do memorial dos grandes Mistérios da Paixão, Morte, Ressurreição, Ascensão e Parusia, o sacerdote toma a patena na sua mão direita e o cálice na esquerda, cruza as mãos, pondo a direita sobre a esquerda, faz com elas o sinal da cruz sobre o *antimíssion*, dizendo: «O que é Teu, recebendo-O de Ti, nós Te oferecemos em tudo e por tudo».

É por excelência a ação de graças da Nova Aliança, recordar tudo o que fez o Filho de Deus entre os homens, especialmente o que Ele fez de Quinta-feira Santa ao Sábado Santo. Ao recordar estas passagens estamos fazendo o que Cristo nos pediu: «Fazei isto em minha memória». A esta recordação chamamos de *anamnesis*, isto é, memorial que atualiza um evento já passado. Assim, recordamos e, sobretudo, comemoramos e revivemos sua morte, ressurreição, ascensão, o assento à direita do Pai e a sua gloriosa vinda. Em suma, tudo o que Ele fez, tudo o que Ele faz e fará (pois seu gesto é eterno, transcendendo o tempo e o espaço) naquele momento, se apresentam diante de nossos olhos.

Cristo, ao tomar o pão e o vinho, antecipou a oferta do seu Corpo e Sangue na cruz. É por isso que, obedecendo ao mandato do Senhor a *anamnesis* não é só recordação, mas também ação de graças por aquilo que Ele fez. O celebrante diz que aqueles dons, tomados de Deus, são novamente oferecidos a Ele em sacrifício e ação de graças. É a Anáfora, isto é, a oferta, o oferecimento da Igreja que recorda o oferecimento de Cristo. As oferendas da Antiga Aliança eram cruentas; o sacrifício da Nova Aliança é incruento: pão e vinho que são oferecidos, mas que representam o mesmo sacrifício de Cristo na cruz. Pelas mãos cruzadas e elevadas do celebrante, todo o povo - toda a Igreja dá graças a Deus pelo sacrifício de seu Filho. A resposta dos fiéis prosternados sintetiza o significado da Eucaristia: «Nós Te louvamos, Te bendizemos, Te damos graças, Senhor e Te suplicamos, ó nosso Deus.»

Após este canto é chegado o momento da *Epíklesis*, ou seja, a oração que pede a vinda do Espírito Santo para que Ele consagre o pão e o vinho, transformando-os no Corpo e no Sangue de Cristo: «... envia Teu Espírito Santo sobre nós e sobre estes dons aqui presentes, e faz deste pão o Corpo precioso do teu Cristo...; e do que contém este Cálice, o Sangue precioso do teu Cristo...; mudando-os pelo poder do teu Santo Espírito...» Para a Igreja Ortodoxa, este é o momento da *Epíklesis*, momento em que o pão não é mais pão e o vinho não é mais vinho mas, respectivamente, o Corpo e o Sangue de Cristo. Por isso, neste momento, todos se prostram para adorar a Deus diante do altar.

As palavras do *Anamnesis* ditas pelo celebrante não consagram o pão e o vinho. Quem os consagra é o Espírito Santo de Deus que é invocado após a recordação das palavras do Senhor, na Última Ceia. Ele, que tudo confirma, que tudo sela, que em tudo atua, faz daquela oferenda o verdadeiro sacrifício. Com efeito, não basta somente rememorar o sacrifício de Cristo, é preciso participar dele. Jesus disse: «Tomai e Comei». É preciso que participemos da Eucaristia, pois se «não comemos a carne do Filho do Homem e nem bebemos de seu Sangue, não teremos a vida e nem ressuscitaremos com Ele». É necessário, pois, que sejamos partícipes do Banquete.

É preciso que o Espírito Santo faça atuais as palavras pronunciadas por Cristo na Quinta-feira Santa. O Espírito Santo é quem atualiza todas as coisas; é Ele quem faz novas todas as coisas. Por isso, é necessário que a oferenda da Igreja, como a oferenda do Profeta Elias que foi consumida pelo fogo do céu, se converta em oferenda divina que é oferecida ao Pai pelo perdão dos pecados.

O Espírito Santo torna presente Aquele que está ressuscitado. O mesmo Espírito Santo que pairava sobre as águas, na criação do mundo, o mesmo Espírito Santo que fez o Verbo de Deus se encarnar no seio virginal de Maria também faz com que Deus se faça presente em cada eucaristia celebrada nos dias de hoje.

É por esta presença do Verbo que a assembleia se converte no Corpo Místico de Cristo, a Igreja. É por isso que o celebrante pede em nome de toda a assembleia: «... Te invocamos, Te rogamos e Te suplicamos: envia Teu Espírito Santo sobre nós' e sobre estes dons, e faz deste pão o Corpo precioso de teu Cristo». E os fiéis respondem: «Amém». O coro dos fiéis se junta à voz do celebrante para pedir que o Espírito Santo venha sobre nós.

O Espírito Santo é invocado, não só sobre as oferendas, mas sobre toda a assembleia. Da mesma forma que a matéria não fica indiferente à ação do Espírito Santo, pois ela é consagrada por Ele, não podemos ficar indiferentes à sua ação. Pedimos que o Espírito Santo desça sobre os dons, para que eles sejam consagrados, mas pedimos também que o mesmo Espírito desça sobre os fiéis para que eles sejam transformados em pessoas dignas de receber o Corpo e o Sangue de Cristo e de receber o perdão e a remissão dos pecados. Por isso, na *Epicleses* da Liturgia de São Basílio, pedimos que o Espírito Santo nos una uns aos outros para podermos participar do único Pão e do único Cálice em comunhão. Pois é somente quando

estamos unidos uns aos outros, no Espírito Santo, é que nos tornamos uma só Igreja, assim como aconteceu com os discípulos reunidos no cenáculo, no dia de Pentecostes.

Na *Epíklesis* de cada celebração da Divina Liturgia, o Pentecostes se faz presente. Todos os irmãos unidos, fazem com que seja possível a Igreja existir. e as portas do inferno não prevalecerem sobre ela. Por isso, o celebrante pede pelos santos, pelos vivos, pelos falecidos, pelos governantes da Igreja, pelo mundo, pelo país e seus dirigentes. É o momento da grande intercessão pela Igreja.

Após a *Epíklesis*, o celebrante incensa os Santos Dons consagrados, fazendo uma homenagem especial à Santa Mãe de Deus, a *Theotokos*, por quem o Verbo se fez carne e se deu em sacrifício: «... Especialmente pela nossa Santíssima, puríssima, bendita e gloriosa Senhora, a Mãe de Deus e sempre Virgem Maria». Enquanto o coro canta o hino, o celebrante entrega o turíbulo ao diácono que prossegue incensando os quatro lados do altar, o iconostásio, o coro e a assembleia. Este hino à Mãe de Deus varia na Liturgia de São Basílio e em algumas festas. Ao final do canto o celebrante pede pelo patriarca e pelo seu bispo, e conclui revelando que somos todos filhos e nos reunimos numa só oferenda ao Pai, dizendo:

«... E concede-nos, que numa só voz e num só coração, glorifiquemos e exaltemos o teu venerável e magnífico nome, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém».

A Preparação para a santa comunhão é iniciada com a Grande Súplica feita pelo diácono. Depois, de braços erguidos o sacerdote introduz o Pai-Nosso pedindo:

«... e concede-nos Senhor, que com toda confiança e sem condenação, ousando chamar-te Pai, a Ti, Deus celestial, dizer: Pai-nosso ...»

O diácono, com sua estola posta em forma de cruz (de Santo André) representando os Serafins com suas asas que cobrem seu rosto ante o insondável mistério do amor divino, com este gesto convida a toda a assembleia para um ato de adoração. Antes de receber a comunhão rezamos a Oração Dominical, o Pai-Nosso, pois o pão de cada dia é o Pão Eucarístico. Enquanto segue a oração do Pai-Nosso, o celebrante faz a ablução das mãos ajudado pelos acólitos.

Elevando depois os Santos Dons, diz:

«Estejamos atentos! As coisas santas aos santos».

O coro canta:

«Um só é Santo, um só é o Senhor, Jesus Cristo, na glória de Deus Pai. Amém.»

Esta resposta é uma confissão de fé e adoração Àquele que está sobre o altar. O celebrante parte o único Pão consagrado, deposita uma parte no cálice para que os fiéis possam comungar do mesmo Corpo e do mesmo Sangue de um só Senhor: é a unidade da Igreja. Jesus fez o mesmo na Última Ceia: «... Tomou o pão e o partiu, e

distribuiu a seus discípulos»; fez com um único pão. A Igreja repete os mesmos gestos, pois há um só Pão, um só Senhor, uma só Eucaristia, uma só Igreja.

O sacerdote parte o Cordeiro em quatro pedaços. Toma a partícula «IC» e, traçando com ela o sinal da cruz sobre o cálice, deixa-a cair dizendo: «A plenitude da fé do Espírito Santo». As partículas «NI» e «KA» são deixadas para a comunhão dos fiéis. A partícula «XC» é consumida pelo clero após o celebrante benzer um pouco de água quente, chamada Zeon, e misturar ao santo Vinho no cálice.

As portas do santuário se abrem em silêncio, símbolo do Anjo Gabriel que removeu a pedra do sepulcro. O sacerdote aparece diante dos fiéis, tendo em suas mãos o cálice. É a chegada de Cristo Ressuscitado que oferece a todos a sua Vida Imortal. O sepulcro e a morte foram vencidos.

Eis aqui a plenitude e a razão de ser de toda a celebração: os convidados para as Bodas, para o Banquete Celeste, para a Ceia Mística, se aproximam «com temor de Deus, com fé e amor» para tomarem parte do Banquete Divino; diante das portas santas os fiéis vão ao encontro do Esposo, vão incorporar-se ao seu Corpo ressuscitado. Deus feito carne vai divinizar a carne dos que comungam.

Terminada a Comunhão o sacerdote abençoa o povo com o cálice dizendo:

«Salva, ó Deus, o teu povo e abençoa tua herança».

O fogo imaterial da divindade que flamejava na sarça ardente, que desceu sobre os apóstolos em forma de línguas, vai consumir os corpos e os corações dos que comungaram e que, em resposta, cantam:

«Vimos a verdadeira luz, recebemos o Espírito celeste, encontramos a fé verdadeira adorando a indivisível Trindade; pois foi ela que nos salvou».

Depois da bênção o celebrante entra no santuário, coloca o cálice sobre o antimissão, toma o diskos e deixa cair no interior do cálice as partículas de comemoração, pedindo: «Lava, ó Senhor, com teu precioso Sangue, pelas orações de teus santos, os pecados de todos aqueles que foram lembrados». Incensa por três vezes os santos dons, eleva e abençoa o povo com o cálice antes de transladá-lo ao altar da Prótesis. Esta última elevação do cálice envolto em fumaça aromática, após a incensação, simboliza a Ascensão do Senhor aos céus, de onde são lançados os raios precursores da luz da Parusia e da Nova Jerusalém.

O diácono e o sacerdote vão depositar os Santos Dons no altar da Prótesis. O diácono incensa por três vezes, enquanto o coro canta:

«Estejam os nossos lábios cheios do teu louvor, para cantarmos, Senhor, a tua glória, porque nos tornaste dignos de participar dos teus divinos,



«A Comunhão»

imortais e vivificantes mistérios. Guarda-nos no teu Santuário, a fim de que, durante todo este dia, pratiquemos a tua justiça. Aleluia».

O sacerdote volta ao altar, dobra o antimíssion e repõe o Evangelho sobre ele. A Liturgia termina com a Bênção Final e a Distribuição do *Antídoron* (o pão abençoado), recordando o Ágape primitivo em que os fiéis, após acolherem a Palavra do Senhor e de participarem da Fração do Pão, colocavam seus bens em comum. Com o gesto de *Evlogia* (bênção) a Igreja prolonga sua ação litúrgica, que atravessa as suas paredes e chega aos confins do mundo. O fiel leva consigo o Cristo Eucarístico e torna-se, por isso, uma testemunha viva da unidade e do amor, no mundo.

Alimentado com a Fonte da Vida o homem torna-se o cálice que transporta o Deus vivo e que se oferece ao mundo. Na Divina Liturgia, o homem encontra o Reino de Deus e traz consigo o próprio Senhor. O restante será dado ao homem em tempo oportuno. Buscando o Reino, o homem obedece a seu Senhor e se faz seu filho no Filho. Quem encontra o Reino de Deus sente tanta alegria como aquele que encontra uma pérola, um tesouro, e sua alegria é perfeita.

